



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Ciências Sociais

Juliana Menezes Branco Pereira


**Praia Formosa entre rastros e ruínas: A implementação de projetos do  
concurso Porto Olímpico na Região Portuária Carioca**

Rio de Janeiro

2018

Juliana Menezes Branco Pereira

**Praia Formosa entre rastros e ruínas: A implementação de projetos do concurso Porto Olímpico na Região Portuária Carioca**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Antropologia Urbana.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Roberta Sampaio Guimarães

Rio de Janeiro

2018

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

P436 Pereira, Juliana Menezes Branco.  
Praia Formosa entre rastros e ruínas: A implementação de projetos do  
concurso Porto Olímpico na Região Portuária Carioca / Juliana Menezes Branco  
Pereira. – 2019.  
76 f.

Orientadora: Roberta Sampaio Guimarães.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto  
de Ciências Sociais.

1. Ciências Sociais – Teses. 2. Transformações Urbanas – Rio de Janeiro  
(RJ) – Teses. 3. Áreas portuárias Rio de Janeiro (RJ) – Teses. I. Guimarães,  
Roberta Sampaio. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de  
Ciências Sociais. III. Título.

es CDU 3(815.3)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta  
dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Juliana Menezes Branco Pereira

**Praia Formosa entre rastros e ruínas: A implementação de projetos do concurso Porto Olímpico na Região Portuária Carioca**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Antropologia Urbana.

Aprovada em 20 de fevereiro de 2018.

Banca examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Roberta Sampaio Guimarães (Orientadora)  
Instituto de Ciências Sociais – UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Sandra Maria Corrêa de Sá Carneiro  
Instituto de Ciências Sociais – UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Julia Galli O'Donnell  
Departamento de Antropologia Cultural do IFCS/UFRJ

Rio de Janeiro

2018

## AGRADECIMENTOS

O trajeto até aqui começou em 2009 ao me matricular na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e iniciar o curso de Ciências Sociais. Naquele dia não podia imaginar que estaria aqui hoje, terminando meu mestrado e prestes a iniciar meu doutorado, mas aqui estou. Apesar de parecer muito solitário o processo de escrita e os estudos, tenho certeza de que no fundo nunca se está sozinho e tenho certeza de que não cheguei aqui sozinha. Sendo assim aproveito esse espaço para mesmo que superficialmente, agradecer a alguns dos personagens que me ajudaram a chegar aqui mesmo com todas as dificuldades internas e externas.

Devo um agradecimento especial à minha orientadora Roberta Guimarães, que desde a minha graduação tem mais que me ensinado e orientado, sendo fonte de inspiração tanto em nossas conversas, quanto nas aulas cujas quais atribuo o despertar do meu interesse pelo campo da Antropologia Urbana. Obrigada pela paciência e ensinamentos sempre generosos.

Ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais PPCIS/UERJ, conjuntamente à equipe da secretaria, agradeço pelos ensinamentos não somente nos estudos das Ciências Sociais, mas sobretudo pela força de encarar/superar tempos difíceis pelos quais a UERJ (seus funcionários, servidores e alunos) também tem passado.

Agradeço a FAPERJ pelo auxílio financeiro que muito contribuiu para o desenvolvimento desta pesquisa e possibilitou o desenvolvimento de meus estudos acadêmicos.

Meu muito obrigada às professoras Julia O'Donnell e Sandra Carneiro por aceitarem participar da banca de avaliação dessa dissertação. À professora Julia O'Donnell agradeço mais uma vez por ter participado também do meu exame de qualificação me presenteando com sua generosa interlocução, leitura cuidadosa e comentários mais que valiosos.

Aos meus amigos e amigas, família que construí nos (des)caminhos da vida, agradeço pela compreensão nas minhas muitas ausências, por torcerem e me dar forças sempre. Entre os amigos não poderia deixar de agradecer a equipe da Xerox do Denilson pela receptividade, eficiência e bom humor de sempre.

A minha família agradeço pelo suporte, por me ajudar a superar as muitas dificuldades no percurso e por acreditarem em mim sempre.

## RESUMO

MENEZES, Juliana B. P. *Praia Formosa entre rastros e ruínas: A implementação de projetos do concurso Porto Olímpico na Região Portuária Carioca*. 2018. 76 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018.

Nesta dissertação é proposta uma análise processual da implementação dos projetos vencedores do concurso Porto Olímpico na região da Praia Formosa localizada da Zona Portuária do Rio de Janeiro, em especial a construção dos empreendimentos imobiliários: Porto Vida Residencial e Hotel Praia Formosa Holiday Inn. Analisando o desenvolvimento das obras chegando ao que chamo de ruínas do incompleto através da coleta de dados como pesquisadora – moradora da região, em um trabalho de observação flutuante, re-fotografias e entrevistas realizadas com arquitetos que desenvolveram trabalhos a respeito das obras desenvolvidas no contexto olímpico e/ou trabalharam nas obras de algum desses projetos. A intenção desse trabalho é colaborar para o debate sobre as dinâmicas e transformações urbanas, trazendo a região da Praia Formosa como um exemplo ainda pouco estudado no campo da Antropologia Urbana.

Palavras-chave: Praia Formosa. Região Portuária do Rio de Janeiro. Ruínas. Porto Olímpico. Transformações Urbanas.

## ABSTRACT

MENEZES, Juliana B. P. *Praia Formosa between traces and ruins*: The implementation of projects of the Port Olympic competition in the Carioca Port Region. 2018. 76 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018.

This dissertation proposes a procedural analysis of the implementation of the winning projects of the Olympic Port contest in the region of Praia Formosa located in the Port Zone of Rio de Janeiro, the construction of real estate projects: Porto Vida Residencial and Praia Formosa Hotel Holiday Inn. Development of the works by calling what I call the ruins of the incomplete through the collection of data as a researcher - inhabitant of the region, in a floating observation work, re - photographs and interviews with architects who developed works on the works developed in the Olympic context and / or worked on the works of any of these projects. The intention of this work is to contribute to the debate about the dynamics and urban transformations, bringing the region of Praia Formosa as an example still little studied in the field of urban anthropology.

Keywords: Praia Formosa. Port Region of Rio de Janeiro. Ruins. Olympic Port. Urban Transformations

## LISTRA DE FIGURAS

|              |  |    |
|--------------|--|----|
| Figura 1 -   | Imagem retirada do site Porto Maravilha sendo a maior parte grifada em vermelho encontra-se a área Praia Formosa, circulada em verde a Rodoviária Novo Rio e grifada em azul, a Rua Pedro Alves. ....  | 17 |
| Figura 2 -   | Servidora do município assinando o termo de reserva de aquisição de imóvel no lançamento do Porto Vida Residencial. Fonte: portomaravilha.com. ....  | 23 |
| Figura 3 -   | Foto retirada do interior do VLT que aparece na imagem refletida no AQWA Corporate, ainda no detalhe parte do prédio da cidade do samba e mais acima o reflexo do morro da Providência. ....   | 24 |
| Figura 4 -   | Retrato da Praia Formosa feito pelo pintor realista Leonel Brayner. ....   | 26 |
| Figura 5 -   | Foto de 1866, ao fundo a Praia Formosa com as Ilha dos Cães e das Moças. ....  | 27 |
| Figura 6 -   | Mapa do início do século XIX. ....   | 28 |
| Figura 7 -   | Mapa de meados do século XIX. ....   | 29 |
| Figura 8 -   | Mapa do final do século XIX. ....  | 30 |
| Figura 9 -   | Mapa do início do século XX, nele já é possível perceber as transformações no traçado urbano. ....   | 31 |
| Figura10 -   | Foto da região da Praia Formosa sendo preparada para a implementação do residencial e do hotel. ....   | 32 |
| Figura 11 -  | Parte do projeto vencedor do Concurso Porto Olímpico sobre o terreno leste da Praia Formosa. ....  | 36 |
| Figura 12 -  | Imagem promocional do Porto Vida Residencial. Nota-se a ausência do Morro do Pinto atrás dos prédios. Retirada do site de corretores imoveismaisrio.com ....   | 38 |
| Figuras 13 - | A esquerda foto promocional do Hotel Praia Formosa Holiday Inn, retirada do site do arquiteto responsável pela fachada do prédio (www.danielgusmaoarq.com). ....   | 44 |
| Figura 14 -  | A esquerda o prédio que seria o Hotel Praia Formosa Holiday Inn , no meio parte do Morro do Pinto e a direita o esqueleto do Porto Vida Residencial, ambas as obras estagnadas em períodos diferentes e em fases de construção distintas. .... | 45 |



|  |    |
|--|----|
| Figura 15 - Fotos do acompanhamento das obras do Porto Vida residencial na Praia Formosa, A primeira foto foi tirada em 10 de abril de 2013 a segunda é do dia 25 de maio de 2014. ....  | 47 |
| Figura 16 - A primeira foto marca o auge das obras, percebida através da quantidade de trabalhadores. A outra imagem já foi tirada no início do processo de paralisação das obras, porém ainda não haviam sido retirados os guindastes, enquanto isso no canto direito é possível perceber um guindaste da obra do Hotel em construção.....  | 47 |
| Figura 17 - Nessas imagens é possível perceber a rapidez da obra do hotel Praia Formosa Holiday Inn funcionando dia e noite. A primeira foto é do dia 23 de julho de 2014 enquanto a segunda, do dia 02 de julho do ano seguinte, 2015.....  | 47 |
| Figura 18 - Fotos das obras do hotel de dia sob ângulos distintos, a primeira foto foi tirada no dia 23 de maio de 2015 e a segunda é do dia 18 de agosto de 2015.....   | 48 |
| Figura 19 - O interessante dessas imagens é perceber a ambiguidade das duas formas de “ruínas”. Fotos retiradas respectivamente no dia 8 de setembro de 2016 e 23 de abril de 2017.....  | 48 |
| Figura 20 - À esquerda uma foto dos resíduos verdes provenientes da lavagem das roupas hospitalares, podemos chama-los também de "habitantes" da Via D1.....   | 50 |
| Figuras 21 - Detalhe do encanamento aparente do muro outrora localizado no interior residencial e as divisórias das antigas paredes. ....  | 51 |
| Figuras 22 - Fotos tiradas de ângulos diferentes sobre a via aberta da Rua Pedro Alves para a Via D1, no detalhe das fotos as marcas do prédio demolido para a construção da via de acesso, na foto da esquerda parte de sua fachada avermelhada com uma janela e na direita é possível ver os ferros retorcidos que faziam sua sustentação. Fotos retiradas 23 de abril 2017..... | 53 |
| Figura 23 - Antigo "barracão" da escola de samba Vila Isabel na rua Equador, zona portuária do Rio de Janeiro. ....  | 54 |
| Figura 24 - Imagens de um dos ensaios da escola de samba Unidos da Tijuca. Na foto superior esquerda é possível ver os ambulantes trabalhando na ocasião, ao lado a imagem da escola de samba e seus componentes ocupando a via enquanto os moradores e passantes acompanham. Abaixo a imagem da   |    |

|             |   |    |
|-------------|---|----|
|             | bateria da escola de samba fazendo da rua transversal da via D1 seu recuo.<br>.....   | 55 |
| Figura 24 - | Foto dos artistas pintado uma nadadora olímpica na fachada do prédio o INCA em frente a Rodoviária Novo Rio nas proximidades da Praia Formosa. Foto retirada no dia 08 de setembro de 2015. ....  | 58 |
| Figura 25 - | A esquerda foto dos painéis colocados em frente ao canteiro de obras do respectivo hotel na Via D1. A direita a imagem do painel do Porto Vida Residencial também colocado em seu canteiro de obras na rua General Luis Mendes de Moraes. ....    | 59 |
| Figura 26 - | Fotos do que restou dos painéis promocionais, a esquerda do Hotel Praia Formosa Holiday Inn e a direita do Porto Vida Residencial. ....   | 59 |
| Figura 27 - | Imagem retirada do site do arquiteto Daniel Gusmão no qual aparece o projeto do hotel Praia Formosa, no detalhe a informação de que o prédio se encontra em construção.....   | 61 |
| Figura 28 - | Imagem dos guindastes da obra do Porto Vida Residencial. ....   | 62 |
| Figura 29 - | Trabalhadores a serviço da Concessionária Porto Novo recolocando as telhas que muram o canteiro de obras do Porto Vida Residencial. ....  | 63 |
| Figura 30 - | Imagem do interior do canteiro de obras do Porto Vida Residencial através de uma pequena abertura na telha que serve de muro no canteiro de obras.<br>.....   | 64 |
| Figura 31 - | As duas fotos foram tiradas onde estava prevista a parada Praia Formosa do VLT. ....  | 65 |
| Figura 32 - | Foto do canteiro de obra do Porto Vida Residencial, no detalhe central da foto a inscrição I ♥ MP (Morro do Pinto) e mais à esquerda funcionários da concessionária Porto Novo recolocando as telhas que servem de muro no canteiro de obras..... | 68 |

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>                                    | <b>10</b> |
| <b>1 ESTRATÉGIAS NA GESTÃO DE ESPAÇOS NA CIDADE .....</b> | <b>19</b> |
| <b>2 PRAIA FORMOSA, DO ATERRO À ‘REVITALIZAÇÃO’ .....</b> | <b>26</b> |
| <b>3 PERCEPÇÕES ENTRE AS RUÍNAS DO INCOMPLETO.....</b>    | <b>46</b> |
| <b>CONCLUSÃO.....</b>                                     | <b>70</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                   | <b>74</b> |

## INTRODUÇÃO

A elaboração e a escolha da temática abordada nesta dissertação se confundem com minhas vivências cotidianas no bairro onde moro, posso dizer inclusive que ambas nasceram inconscientemente antes até da minha entrada no mestrado. Nascida e criada no Morro do Pinto, bairro portuário Santo Cristo, no Rio de Janeiro, posso dizer que minha entrada em campo como pesquisadora não se deu nos moldes da antropologia clássica, como descrevera Bronislaw Malinowski na introdução de sua obra *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, desembarcando “sozinho numa praia tropical, perto de uma aldeia nativa, rodeado pelo seu material, enquanto a lancha ou pequena baleeira que o trouxe navega até desaparecer de vista” (1978, p. 19).

Desde criança lembro de perceber nas histórias de família uma atmosfera diferente da qual vivia no bairro. Ouvia da minha avó e da minha bisavó (as duas também moradoras do morro) como nossas gerações tiveram vivências completamente diferentes. Minha bisavó falava da Praia Formosa, me lembro de repetidas vezes ela me indagar: “você sabia que aqui tinha praia?”. Por outro lado, minha avó contava histórias sobre a Fábrica da Bhering, contando onde ela, sua irmã mais velha e sua mãe trabalharam. Com alegria as duas lembravam a animação dos carnavais com os blocos e escola de samba que haviam no bairro. Corridas de rua e shows em clubes também apareciam em seus relatos.

Minha bisavó, que morava em uma rua mais para cima no morro, costumava descer até minha casa depois do almoço para nos abastecer de suas muitas histórias de vida. Como eu era pequena e ela já não está por aqui para me contar de novo suas histórias, algumas vezes preciso de ajuda para recordá-las. Porém algumas tradições do bairro divididas entre nós, ainda acontecem nos dias de hoje e me ajudam nessa rememoração. Todo dia 23 de abril, dia de São Jorge tem uma pequena procissão que passa em algumas ruas do morro em homenagem ao santo. Nesse dia, o cheiro das velas carregadas pelas pessoas me remete a tempos passados, quando ela colocava uma cadeira de praia na calçada da minha casa para ver a procissão passar. Era quase um ritual que hoje me trazem a lembrança dela e de suas histórias sobre um Morro do Pinto e um Santo Cristo que eu não conheci.

Enfim, foi minha bisavó que entre as histórias dos antigos carnavais, a superação da gripe espanhola, remontou a existência de uma praia onde para mim só havia rua. Ela falava da Praia Formosa com a tranquilidade de quem já havia se acostumado com seu desaparecimento, mas ainda à guardava na memória, ela dizia: “era a praia que tinha aqui, bem por ali onde agora é a Pedro Alves (rua que margeia o Morro do Pinto)”. Ela havia passado por aquela transformação urbana, enquanto eu ouvia com certa incredulidade aqueles relatos, na época eu

criança não concebia a possibilidade de se “secar” uma praia. Não compreendia tampouco o porquê de se fazer isso. Tirante minhas avós em suas histórias, nunca mais havia ouvido a categoria Praia Formosa como um lugar ou ponto de referência.

Trazendo referências de uma época um pouco menos distante minha avó já não sabia ao certo sobre a Praia Formosa, mas lembra de sua mãe e sua sogra comentarem sobre ela. Minha vó me conta sobre outros traços do bairro que também me geravam surpresa. Ela fala de toda uma movimentação ligada ao trabalho que havia na sua lembrança de antigamente, conta sobre a estação ferroviária da Leopoldina, dos lugares onde trabalhou como ajudante de costureira e na fábrica de café e chocolates Bhering, localizada na rua Orestes nº 28, no Morro do Pinto. Foi inclusive dessas conversas com ela que comecei a pensar em um possível tema de minha monografia<sup>1</sup> desenvolvida no final do curso de graduação<sup>2</sup>.

Hoje percebo que seus relatos podem ser considerados demonstrações do cenário urbano pós transformações narradas pela minha bisavó. As duas são fruto de “urbanidades” sobrepostas, relatos de vivências em um bairro e uma cidade que viveu remodelações urbanas. As dinâmicas urbanas, o urbano, estão sempre em transformação e percebo que ao desenvolver esta dissertação de certa forma, assim como elas, relato as “urbanidades” do meu tempo.

O antropólogo Paul Rabinow (2003) analisa as diferentes transformações urbanas no decorrer dos anos. O autor se respalda em Michel Foucault sob a temática do poder, e nesse aspecto percebe a arquitetura e o espaço como alvos de micropolíticas de poder que variam ao longo do tempo, o que é muito interessante de levar em consideração ao se pensar nas dinâmicas urbanas de gestão de espaços propostas nesta dissertação. O autor traz o caso da cidade francesa de Nantes, que assim como o exemplo da cidade do Rio de Janeiro, dadas as proporções, passou por tentativas de implementação de políticas espaciais de organização.

O interessante desse caso é o ponto de análise que o autor chega através dele, ou seja, perceber a presença do poder não somente do Estado na construção/reestruturação da cidade, mas sim a presença forte também do setor econômico que inclusive fornecia diretrizes e imperativos nesses processos. Trata-se de uma análise capaz de auxiliar o debate sobre as recém transformações urbanas propostas para a Cidade do Rio, percebendo os diferentes agentes e parcerias público-privadas que estão por trás delas.

---

<sup>1</sup> Referência a meu trabalho monográfico desenvolvido para a conclusão da minha graduação em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 2016 com o título *Um outro olhar para a rua Orestes 28: memórias e transformações da Fábrica da Bhering*. Esta monografia é fruto do meu trabalho sobre as memórias de moradores do bairro que são ex funcionários da Fábrica Bhering situada no Morro do Pinto.

<sup>2</sup> Cursos Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais na Universidade do Estado do Rio de Janeiro entre 2011 e 2016.

As percepções proporcionadas através estudos na área de antropologia urbana, ajudam a entender um pouco minha trajetória e o despertar do interesse pelas questões ligadas aos estudos urbanos, além, de certa forma, explicar o aspecto dúbio que envolveu o desenvolvimento desta dissertação na qual misturo minhas vivências como moradora do entorno da região que propus a estudar, com meus estudos somados da graduação e mestrado.

Ao entrar no mestrado pensei então em usar essas minhas vivências como ferramenta de pesquisa, como um método de coleta de dados, o que Colette Pétonnet (2008) chamou de *observação flutuante* em seu estudo no cemitério parisiense Père-Lachaise:

O método utilizado é aquele que nós qualificamos de “observação flutuante” e ao qual nos dedicamos há algum tempo, ao longo dos trajetos parisienses impostos pelas atividades cotidianas ou pela necessidade de movimento que o sedentário experimenta. Ele consiste em permanecer vago e disponível em toda a circunstância, em não mobilizar a atenção sobre um objeto preciso, mas em deixá-la “flutuar” de modo que as informações o penetrem sem filtro, sem a priori, até o momento em que pontos de referência, de convergências, apareçam e nós chegamos, então, a descobrir as regras subjacentes. (PÉTONNET, 2008, p.102)

Inspirei-me no debate levantado pela autora sobre as problemáticas que envolvem as metodologias e teorias para estudar as cidades, apostando na sua proposta de realizar a pesquisa através de uma abordagem até então menosprezada pelos pesquisadores. Acompanhar o fluxo dos cidadãos, seus trajetos ao andar pela cidade que é fundamentalmente lugar de movimentação, de contato e circulação. Esses trajetos e passagens também são um fenômeno urbano de acordo com a autora, sendo assim, se permitir “flutuar” por eles sem ter um objetivo ou olhar pré-estabelecido se torna uma metodologia de pesquisa na qual o pesquisador se mostra disponível para descobrir regras e explorar o cotidiano. O que Magnani (2002), ao falar sobre o desenvolvimento de trabalhos etnográficos do urbano, chamaria de *olhar de perto e de dentro*. De acordo com o autor é importante livrar os agentes sociais das dicotomias que os colocavam em oposição às megaestruturas urbanas. A proposta do autor é trazer uma nova perspectiva e foco para a antropologia, pensando no enriquecimento do trabalho levando em conta o conjunto de atores que em sua vida cotidiana *transcorrem na paisagem da cidade* (2002, p.17).

Trata-se de uma maneira de estudar o urbano na antropologia, escusando a necessidade de um olhar distanciado e valorizando as contribuições *de dentro*. Tal como Pétonnet o autor propõe um olhar analítico sob os trajetos dos indivíduos, percebendo a importância desses atores sociais para se compreender fenômenos urbanos. São eles que nas palavras de Magnani seriam “responsáveis pela trama que sustenta a dinâmica urbana” (2002, p.18).

Me apropriei desses princípios metodológicos trazendo-os para a realidade da região denominada Praia Formosa no bairro do Santo Cristo, escolhida como campo de estudo para o

desenvolvimento desta dissertação. Trago o resultado do esforço em compilar vivências como passante/flutuante na região e em suas fluidas margens, na tentativa de acompanhar as dinâmicas urbanas implementadas. Tendo em mente como as fronteiras e limites foram reconstruídos e ressignificados através de relatos e narrativas que autorizaram tais transformações urbanas e propuseram novos usos para o local.

Aposto no conceito de fronteira, tal como utilizado por Michel de Certeau (2014), como forma de ajuda para entender como as ações são precedidas de relatos que as justificam e às fundam, no caso aqui proposto isso fica bem claro ao analisar como o uso das narrativas de arquitetos, do prefeito, de jornalistas, entre outros atores, estabelecem novas fronteiras para uma região que tinha anteriormente outras configurações e limites. A ideia de fronteira que tratarei aqui se liga a um tipo de delimitação que se funda principalmente nos relatos, no caso da região da Praia Formosa os relatos retomaram a própria categoria “Praia Formosa”, estabelecendo a necessidade de transformar o local e lhe atribuindo novos usos.

Nesse contexto de fronteiras e relatos a antropóloga Sandra de Sá Carneiro (2009) desenvolveu um trabalho muito interessante que me ajudou em especial na problematização da categoria Praia Formosa muito importante nesta dissertação no que se refere a construção de meu campo de estudo e análise. Sandra se debruçou sobre as fronteiras simbólicas que promovem a oposição entre as categorias Zona Norte e Zona Sul na cidade do Rio de Janeiro. A antropóloga, de maneira muito particular e oportuna utilizou em sua argumentação as novelas como meio de perpetuação e projeção desse tipo de simbolismo. Ela aponta como as novelas ajudam a perpetuar estereótipos que acabam por segregar as pessoas no cotidiano da cidade. Trata-se de um recurso metodológico inspirador, que me ajudou a perceber a importância representativa e potencialmente criadora de fronteiras presente nos discursos veiculados na TV e em jornais online, que utilizo aqui como ferramenta de pesquisa.

Tais transformações foram impulsionadas em um período específico em que a cidade do Rio passou. Tratava -se da concretização de um projeto de cidade que vinha sendo pensado muito antes da data que fora de fato “implementado”, o projeto de Cidade Global<sup>3</sup> que

---

<sup>3</sup> Conceito de Saskia Sassen, que no texto *The Global City: Introducing a Concept* (2005) delimita sete hipóteses que utilizou para organizar os dados e dessa forma conseguiu teorizar o modelo de cidade global, dentre eles: a dispersão geográfica das atividades econômicas juntamente com a integração destas; a centralização dessas funções, a existência de uma nova dinâmica econômica de aglomeração, ou seja, empresas, talentos e conhecimentos formando uma ampla teia especializada que transforma, nas palavras da autora, “o meio urbano em um centro de informação extremamente intenso e denso” (2005, p.29). Na cidade do Rio aposta-se no enquadramento como Cidade Global através do peso do turismo como vocação natural da cidade contando ainda com uma forte indústria de entretenimento. O projeto desenvolvido pelo ex prefeito da cidade focou em investimentos em tecnologias e em uma arquitetura conceitual que faça jus a uma estrutura organizacional e econômica global. A chave do projeto pode ser considerada a tentativa de transformar o repertório nacional/ local em global.

vislumbrava na oportunidade de sediar grandes eventos a chance de conseguir unir as forças das diferentes esferas de governo e investidores nacionais e internacionais e assim desenvolver tal modelo de cidade. Tanto que a palavra “oportunidade” foi uma das mais utilizadas ao se falar na preparação para receber os eventos. Destaco as Olimpíadas de 2016 e a Copa do Mundo de 2014 como os eventos que possivelmente mais mobilizaram parcerias público-privadas em ações de transformações urbanas.

Seguindo esse modelo de cidade foi apresentado o Projeto Porto Maravilha, como um grande projeto que visava “resgatar” e “revitalizar” a região portuária até então “abandonada” e “degradada” através de intervenções urbanas. Nesse grande projeto estavam previstas reestruturações profundas como a derrubada do elevador da Perimetral, a construção do Museu do Amanhã, a implementação de um novo e sofisticado meio de transporte atendendo a região, o VLT, a construção do Boulevard Olímpico, o desenvolvimento de obras estruturais na região da Francisco Bicalho e Praia Formosa, entre tantos outros projetos corporativos e hoteleiros que eu poderia me perder em vírgulas para elencar.

O projeto Porto Maravilha pode ser considerado o marco do investimento na ideia da “vocação turística” da cidade do Rio. Incentivo que é possível ser notado no próprio trajeto percorrendo os espaços remodelados, como um grande projeto de um folder turístico. Nesta dissertação, pensar no projeto Porto Maravilha como um todo, possibilita um contraponto aos projetos parcialmente desenvolvidos na região da Praia Formosa, utilizados como motor na ideia de revitalização que perpassou massivamente o projeto do Porto Maravilha. Tais projetos e ideias foram sendo deixadas em segundo plano no decorrer do desenvolvimento das obras e sendo suplantadas pelas dinâmicas urbanas e seus agentes/atores como veremos mais à frente nesta dissertação.

A experiência turística pode ser iniciada ao pegar o mais “recém-nascido” meio de transporte, o Veículo Leve Sob Trilhos (VLT) na estação terminal do Aeroporto Santos Dumont, localizado no centro da cidade, já para os turistas que chegarem de navio existe a opção de começar seu passeio na Parada/Estação do VLT Parada dos navios, localizada em frente ao portão de embarque e desembarque de navios no Porto do Rio. Os turistas mais familiarizados com a cidade e com seus transportes públicos podem entrar nas composições do VLT nas estações localizadas em frente a estações de metrô do centro da cidade (Cinelândia e Carioca) e ao lado do Terminal Rodoviário do Rio de Janeiro no bairro Santo Cristo. Embarcado na composição o turista é levado aos novos ou quase novos (o quase se refere à Cidade do Samba Joãozinho Trinta, conhecida como Cidade do Samba, criada em 2006) pontos turísticos



da cidade, “criados” dentro da lógica de “revitalização” e ressignificação do Porto da cidade que se “transformou” em Porto Maravilha.

As próprias paradas já indicam a que os visitantes devem dar atenção especial, Utopia/AquaRio é a primeira estação do Boulevard Olímpico construído no lugar da Perimetral. Sua denominação indica respectivamente o nome do armazém que sedia diversos eventos culturais e o nome do maior aquário marinho da América Latina inaugurado em novembro de 2016. Outra parada obrigatória para fotos é o painel de 3 mil metros quadrados intitulado “Etnias” assinado pelo artista paulista Eduardo Kobra.

A Parada dos Museus dá acesso a Praça Mauá, o grande polo turístico olímpico, lugar onde se conectam dois museus: Museu do Amanhã e MAR, Museu de Arte do Rio. Além de se conectar com a Orla Conde (Nomeada em homenagem ao ex-Prefeito e arquiteto Luiz Paulo Conde), passeio público que também criado para agregar mais um ponto turístico na região portuária da cidade. Durante a realização dos jogos em 2016, o caminho da Orla Conde levava os turistas a conhecerem a réplica da pira olímpica, localizada em frente à Igreja da Candelária e ao lado da Casa França Brasil e o CCBB -Centro Cultural do Banco do Brasil.

Os espaços percorridos nesse trajeto que descrevi acima são amostras das costuras pensadas para o Porto Maravilha, tecidas por várias mãos unidas por parcerias público-privadas. São o que Marc Augé chama de arquétipos dos *não lugares* criados para serem marca de uma supermodernidade, encarada como meta conquistada pela Prefeitura para expor o Rio como Cidade Global.

Ao caminhar por esses lugares mencionados acima era possível perceber uma compilação de rostos “curiosos ou contemplativos, solitários ou reunidos” (AUGÉ, 2005, p. 81). De acordo com Augé esses lugares tidos como pontos turísticos são na verdade um exemplo de *não lugares*. Estes apresentam um itinerário pré-estabelecido que se desenrola através de uma linguagem padronizada demarcando os trajetos turísticos criados oportunamente o que lhes impute certa efemeridade característica dos *não lugares*.

Dentre esses variados projetos pretendo focalizar as transformações propostas para a região da Praia Formosa, previstas para acontecer nos moldes do projeto vencedor do Concurso Porto Olímpico. O concurso foi realizado pelo IAB/ RJ- Instituto de Arquitetos do Brasil, sob a contratação da Prefeitura do Rio de Janeiro, na época comandada por Eduardo Paes (2009 - 2017), e previa intervenções urbanas em dois terrenos divididos em Leste e Oeste de acordo com a Francisco Bicalho. A região da Praia Formosa é o terreno Leste no edital divulgado pelo IAB, local onde deveriam ser construídas instalações para atender os árbitros e a imprensa internacional que iriam trabalhar nos jogos Olímpicos de 2016.

Me recorde de acompanhar as notícias de derrubada do viaduto da Perimetral, para viabilizar principalmente a criação do Boulevard Olímpico. Todos os anúncios e obras aconteceram de maneira mais expressiva no período em que estava na universidade, o que acabou aumentando meu interesse por entender e tentar acompanhar os processos de transformações do urbano que já encontravam suporte nas histórias que ouvia quando criança sobre o bairro onde moro. Foi dessa maneira que entrei no campo como pesquisadora, no mestrado me permiti ser antropóloga-moradora.

Eu já estava imersa pelo campo quando descobri que podia encarnar esse papel de antropóloga-moradora ou antropóloga-nativa, utilizando meus trajetos margeados por canteiros de obras, como material de pesquisa. O terminal onde costumava pegar os ônibus foram realocados, fui percebendo

imóveis resistindo até o último momento antes de serem demolidos, enfim, ao escolher a região da Praia Formosa como campo de estudo e análise organizei mentalmente minha rotina e vivências experienciadas no período de transformação da região pré mestrado e prossegui com a observação flutuante para dar continuidade à coleta de material. Me dei conta que estava tendo a oportunidade de acompanhar de perto algo muito relevante aos estudos urbanos.

Foi percebendo minha rotina de caminhar, ouvir e perceber as pessoas e seus movimentos como em um grande complexo de agentes e mediadores do urbano que adotei o método da observação flutuante como meio de aproveitar meu lugar dúbio (pesquisadora-moradora), como um diferencial de pesquisa. Para além disso conversei com alguns arquitetos que de alguma forma estiveram em contato com os projetos pretendidos para a região da Praia Formosa. Levantamentos de reportagens, declarações de figuras políticas e leitura de autores que ajudam a embasar teoricamente os assuntos que trago aqui também tem sua importância destacada.

Comecei a fazer de minhas idas a campo, todas as minhas idas e vindas pela região, um trabalho de observação flutuante. Escolhi a região da Praia Formosa por ser uma localidade que, dentro do que vinha sendo pensado como projeto de cidade personificado nos projetos na zona portuária do Rio, pude acompanhar mais de perto seus avanços e transformações. Tais obras, como o esperado, modificaram e impactaram diretamente a região, seja no que se refere aos fluxos de pessoas e veículos, seja visualmente transformando a paisagem anterior, inaugurando e modificando fronteiras espaciais.

Já falei mais de uma vez o nome Praia Formosa, mas acredito que ainda não ficou clara a sua localização, de fato é complicado por se tratar de uma região e um nome com sentidos e materialidades distintas de acordo com o tempo, questões que trabalharei mais a frente neste trabalho. Como a delimitação de fronteiras no espaço urbano varia de acordo com o olhar e a vivência de cada um no espaço, opto por trabalhar com as delimitações apresentadas pela

CDURP – Companhia de Desenvolvimento Urbano da Região do Porto do Rio de Janeiro, ou seja, o que eles chamam de Praia Formosa.

Para dar materialidade e ao mesmo tempo auxiliar visualmente a compreensão da região focalizada pelo trabalho grifei em um mapa retirado do site Porto Maravilha<sup>4</sup> locais que porventura comentei até agora e/ou vou comentar mais a frente ao relatar minha rotina de observação e vivências no campo. Como originalmente a imagem já contava com grifos utilizei outras cores para destacar. Circulado em amarelo no canto superior esquerdo da imagem está a Rodoviária Novo Rio, contornada em vermelho um pouco mais abaixo está “delimitada” a Praia Formosa de acordo com a CDURP e em azul claro está traçada a Rua Pedro Alves que antes das obras era uma via de mão dupla que margeava o Morro do Pinto ligando a Av. Francisco Bicalho à Rua Santo Cristo.

Figura 1 - Imagem retirada do site Porto Maravilha sendo a maior parte grifada em vermelho encontra-se a área Praia Formosa, circulado em verde a Rodoviária Novo Rio e grifada em azul, a Rua Pedro Alves.



Acesso em 21 de maio 2017.

Dada essa contextualização quanto ao meu posicionamento e duplo papel desempenhado no processo de desenvolvimento desta dissertação, trago no primeiro capítulo uma apresentação e maior detalhamento sobre os conceitos teóricos que me auxiliaram na percepção e compreensão das questões que perpassam as transformações urbanas, suas dinâmicas e algumas das estratégias utilizadas pelos agentes sociais na gestão de espaços da cidade.

<sup>4</sup> A imagem retirada do site Porto Maravilha, em uma reportagem que delimita os três terrenos responsáveis por garantir o repasse de R\$ 1 bilhão de reais à Operação Urbana Porto Maravilha. São eles: Praia Formosa, Usina do Asfalto e Pátio da Marítima, integralizados ao Fundo de Investimento Imobiliário da Região do Porto (FIIRP) Site disponível em: < <http://www.portomaravilha.com.br/noticiasdetalhe/4141> > Acesso em 21 de maio 2017.

O fio que perpassa todo o trabalho é a importância da comunicação, ou seja, os discursos, relatos, narrativas sobre o espaço, como anúncios que antecedem ações efetivas que desde os relatos fundam fronteiras e limites no espaço urbano. Compreendendo que tal ferramenta é utilizada por todos os agentes urbanos, sendo assim ela também ajuda a transpor tais limites.

No segundo capítulo me aprofundo na região da Praia Formosa como exemplo de região que passou por transformações significativas nos últimos séculos e que mais uma vez se preparou para ser ressignificada. Dessa vez, através do mote da “revitalização”, a categoria Praia Formosa foi resgatada para compor o Projeto Porto Maravilha desenvolvido na região portuária da cidade.

Ainda nesse capítulo apresento também as contribuições de meus entrevistados/interlocutores. Em nossas conversas sobre os projetos pensados para a região através do Concurso Porto Olímpico, pude me aproximar dos saberes da arquitetura percebendo certa compatibilidade entre os modos de pensar criticamente tais projetos e estética perpetuada como um todo nos empreendimentos “olímpicos”. Não sendo diferente na Praia Formosa.

No terceiro e último capítulo adentro de maneira mais presencial no campo do “terreno leste/ Praia Formosa” utilizando os termos contidos no edital do concurso para referenciar a região. Neste capítulo apresento os frutos do desenvolvimento da minha observação flutuante misturada às minhas vivências enquanto moradora da região no acompanhamento do desenvolvimento das obras na Praia Formosa até chegar à sua estagnação e “abandono”. Tais desdobramentos que acabaram levando a categoria da Praia Formosa a flertar com a noção de ruína graças aos seus projetos fantasmas.

Nessa dissertação voltarei meu olhar para como fronteiras são pensadas e fundadas por agentes do Estado através de inúmeras parcerias político-financeiras. Tendo em mente que tais fronteiras podem ser transgredidas através dos usos e apropriações por parte dos moradores/cidadãos. Estes, através das diferentes maneiras pelas quais se relacionam com o espaço e constroem seus próprios relatos baseados em suas vivências e rotinas, transgridem e ao mesmo tempo fundam novas fronteiras no espaço. Nesse contexto a Praia Formosa é uma região que propicia a observação de demarcações de usos do espaço, fronteiras, mas também de transgressões e apropriações típicas das dinâmicas urbanas.

Buscando atribuir materialidade aos meus próprios relatos, procurei no desenvolvimento da dissertação fazer uso de imagens que coletei através de pesquisas e fotos tiradas por mim mesma desde antes de pensar em escrever estas páginas. Seguindo esse pensamento organizei um trabalho de re-fotografia da região na tentativa de permitir aos leitores acompanhar, mesmo que de maneira indireta, através dos meus olhos, o desenvolvimento dos projetos da Praia Formosa até sua estagnação.

## 1 ESTRATÉGIAS NA GESTÃO DE ESPAÇOS NA CIDADE

Tomo como ponto de partida o reconhecimento da importância dos relatos e narrativas como ferramentas estratégicas que movimentam as dinâmicas urbanas. Estes são formadores de espaços, capazes de delimitar fronteiras e pontes entre os espaços, o que marca a importância de leva-los em consideração ao se debruçar sobre transformações urbanas. Pautada nessa característica contraditória dos relatos apontada por Michel de Certeau, de fundar fronteiras e ser ponte entre os espaços, busco dar conta de alguns aspectos inerentes as dinâmicas urbanas tendo como foco a região da Praia Formosa, no bairro Santo Cristo localizado na Zona Portuária do Rio de Janeiro.

A ideia é perceber esse recorte no campo de estudo como um exemplo de uma das regiões que foram alvo das políticas públicas voltadas para a (re)modelação e transformação do espaço urbano na tentativa de executar um projeto de cidade que já era pensado há anos e por diferentes governos. Remonta aos anos 1990 nos governos de César Maia (1993-1997, 2001-2009) à frente da prefeitura, seguramente desde essa época é pensado esse modelo de cidade implementado com mais vigor a partir de 2009, ano do anúncio da cidade do Rio de Janeiro como sede das Olimpíadas de 2016. Modelo que planeja transformações estratégicas sobre o tecido urbano sob a chancela da arquitetura, a lógica implementada visava tornar a cidade palco de grandes eventos.

Depois da criação do Corredor Cultural do Centro, cuja idealização começa a ser pensada em 1979 sendo a primeira área ampla de preservação urbana criada pela Prefeitura, em 1983 começaram a surgir propostas de patrimonialização da Zona Portuária (GUIMARÃES, 2016). Voltando a apresentar uma explanação mais concreta sobre as atuações na região portuária nesse contexto, em 1983 começou a ser debatido o Projeto Sagas (Área de Proteção Ambiental Sagas –acrônimo referente aos bairros portuários Saúde, Gamboa e Santo Cristo). A Prefeitura, através da nomeação de bens entre: “tombado”, “preservado” e “tutelado” estipula novas regras de acesso e manutenção do local. Com o sucesso do projeto Sagas, em 1992 é incorporada às leis municipais do Rio de Janeiro a Apac (Área de Proteção ao Ambiente Cultural), mais uma ferramenta de gestão da cidade.

Sendo assim, Guimarães (2016) apresenta as Apacs (Áreas de Proteção do Ambiente Cultural) no contexto do planejamento urbano do Rio de Janeiro como uma forma de gestão de espaços que se articulam através da preservação e disponibilização de bens. Dessa forma a autora acrescenta a política de patrimonialização como uma das maneiras de (re)construir o urbano através da denominação, atribuição de categorias.

Outra sigla também é relevante nesse contexto apresentado aqui, falo das Cepacs, ou seja, Certificados do Potencial Adicional de Construção que geram direitos adicionais de

construção. Trata-se de mais uma ferramenta para agenciar os espaços. Essa possibilidade foi criada com o Estatuto da Cidade, a lei federal 10.257/2001, e apresentava-se como um instrumento para financiar grandes operações urbanas sem que o município precisasse dispor dos recursos do orçamento municipal. De acordo com a página do site Porto Maravilha que esclarece dúvidas sobre tal assunto, tratam-se de “títulos usados para financiar Operações Urbanas Consorciadas que recuperam áreas degradadas nas cidades.”<sup>5</sup>

Essa ferramenta começou a alterar as dinâmicas na região portuária através da lei municipal complementar 101/2009 que ampliou o potencial construtivo da região. Nesses moldes os investidores que planejem construir empreendimentos na região devem comprar Cepacs de acordo com a quantidade de metros quadrados que se pretenda construir. A quantidade de Cepacs varia de acordo com o terreno e com o que se planeja construir, em uma iniciativa para estimular a ocupação na região se definiu que para construções residenciais são exigidas menos Cepacs do que para um empreendimento comercial.

Meu propósito não é discorrer sobre as origens do projeto de cidade que foi implementado nos últimos anos, sendo importante ressaltar que este não foi “tirado da cartola” do ex-prefeito Eduardo Paes (2009-2017) apesar de ter sido durante o governo dele que tal projeto de cidade dos grandes eventos teve mais oportunidades e apoio para se efetivar. Por hora, aqui nesta dissertação me interessa refletir sobre como se deram algumas das transformações propostas/impostas, especialmente na região portuária da Praia Formosa.

É pertinente nesse contexto perceber as tramas que engendraram essa nova roupagem, que convencionou-se chamar de “revitalização” da Zona Portuária, e a relevância dos relatos na formação desses lugares, propiciando transformações urbanas. Tratam-se de dinâmicas típicas do urbano que encontram nas narrativas uma maneira de autorizar e fundar ações, como um “teatro de ações” (CERTEAU, 1994, p.191). Nessa chave teórica é possível perceber as narrativas divulgadas no início do processo de transformações urbanas davam conta de demarcar a região portuária como um espaço degradado carregado de uma historicidade que precisava ser resgatada através da “revitalização”. Ao mesmo tempo os discursos autorizavam as ações pretendidas deixando sem espaço qualquer reação ou qualquer tipo de debate sobre os projetos, era praticamente impossível ir contra a aura positiva representada nesses discursos.

Um exemplo dessas narrativas pode ser percebido na fala do então prefeito Eduardo Paes sobre o empreendimento residencial em construção na Praia Formosa, de acordo com ele, pensado para atender à população em primeiro lugar, tendo sua “utilidade olímpica” como Vila de Mídia e de Árbitros nos Jogos em 2016 como uma importância de segunda ordem. Em uma

---

<sup>5</sup> Informações retiradas da plataforma organizada pela Cedurp, Porto Maravilha, disponível através do link: <[http://portomaravilha.com.br/cepac\\_entenda](http://portomaravilha.com.br/cepac_entenda)> Acesso em 20 de novembro 2016.

reportagem de setembro de 2013, disponível no site Porto Maravilha, Eduardo Paes reforça seu compromisso:

Meu compromisso é o de garantir que a área seja ocupada com residências para todas as classes econômicas. O Porto Vida representa a reocupação da Região Portuária, lugar estratégico próximo do Centro, onde a população poderá morar perto do trabalho. (Em: <[portomaravilha.com.br/noticiasdetalhe/4430](http://portomaravilha.com.br/noticiasdetalhe/4430)> Acesso em: 10 dezembro 2016)

Discursos como este positivam as transformações e amenizam os debates sobre os possíveis transtornos que naturalmente também ocorrem nesse contexto. Nesta fala é possível perceber demarcações de que o local carente de ocupação, de que tal espaço é ideal para trabalhadores que tenham seus locais de trabalho localizados no centro do Rio.

Para tornar essa ideia ainda mais palpável e compreensível selecionei alguns relatos divulgados pelos meios de comunicação online. Chamo a atenção para a data das publicações, elas foram postadas com o intervalo preciso de um ano entre elas. Dessa forma é possível perceber a “involução” das obras na Praia Formosa.

O conjunto de sete prédios que será construído na Zona Portuária para abrigar as vilas de mídia e de árbitros das Olimpíadas do Rio, em 2016, terá o maior edifício residencial da cidade, com 40 andares.[...] Serão 1.330 apartamentos de dois e três quartos, e servidores públicos municipais terão preferência na aquisição dos imóveis. Os compradores receberão as unidades em 2017.[...] Cada prédio do conjunto contará com cinco pavimentos de garagem. O maior dos edifícios terá, portanto, 35 andares de apartamentos, e sua altura vai superar a das torres do condomínio Athaydeville, na Barra da Tijuca.(Reportagem do Jornal O Globo de 03 de junho 2012 <<https://oglobo.globo.com/rio/porto-tera-maior-predio-residencial-do-rio-5110899#ixzz50Py6OLOf>> Acesso em 13 de abril 2016)

É esperado ainda para esta quinzena o lançamento oficial de um dos mais aguardados empreendimentos imobiliários da cidade: o Porto Vida, primeiro residencial da região portuária, concebido para funcionar, inicialmente, como a Vila de Árbitros e Mídia das Olimpíadas de 2016. (Reportagem do Jornal O Globo de 03 de junho de 2013 <<https://oglobo.globo.com/economia/imoveis/o-primeiro-residencial-do-porto-8573697#ixzz50WRUjKvF>> Acesso em 13 de abril de 2016)

A pouco mais de dois anos dos Jogos Olímpicos, uma indefinição ronda a organização do evento. Segundo a prefeitura, o Comitê Olímpico Internacional (COI) ainda não respondeu se aceita transferir da Zona Portuária para Jacarepaguá [...] Com base na afirmação do prefeito Eduardo Paes de que o terreno localizado na Rua General Luís Mendes de Souza (Santo Cristo) não tinha mais a chancela olímpica, o empreendimento Porto Vida Residencial teve as obras paralisadas em junho, e não há prazo para serem retomadas. Quanto ao plano B proposto pela prefeitura, por enquanto não passa de projetos nas pranchetas. As vilas faziam parte do chamado Porto Olímpico. A decisão de excluir o Porto foi financeira, para reduzir em até R\$ 70 milhões as despesas com a organização do evento, que serão arcadas pelo Comitê Rio 2016. (Reportagem do jornal O Globo do dia 02/07/2014<<https://oglobo.globo.com/rio/vilas-de-arbitro-de-midia-dos-jogos-olimpicos-permanecem-sem-endereco-definido-13100812#ixzz50iguSsFa>> Acesso em 13 de abril de 2016.)

O poder dos relatos enquanto fundadores de fronteiras e ações deve ser ponderado de acordo com o ator envolvido. Digo isso por acreditar que variando o grau de especialização e relevância política do ator em questão, seus relatos movimentam as dinâmicas urbanas, pensadas aqui, de maneiras distintas. Um arquiteto que apresenta um projeto, o prefeito da cidade, o repórter da televisão, os sites de notícias, enfim, são todos atores desse grande “teatro de ações”, mas seus relatos têm impactos e linguagens distintas. Ao mesmo tempo que marco aqui a existência de diferenças é importante ponderar que estas são naturais, as dinâmicas urbanas pressupõem divergências. São o tempo todo construídas “fronteiras”, mas também “pontes” - o caráter delinquente que Certeau aponta em sua obra.

As dinâmicas urbanas são movimentadas pelas diferentes formas de regulação de fronteiras, estratégias de gestão de espaços da cidade<sup>6</sup>. Michel de Certeau inicia o capítulo IX intitulado *Relatos de Espaço*, com uma afirmativa de Pierre Janet (1928, p.261) que dizia ser a narração a responsável pela criação da humanidade. Tal afirmativa dá o tom da importância que Certeau atribui aos recursos linguísticos desse tipo, de acordo com ele os relatos são todos eles uma prática do espaço. Ele faz uma distinção entre “lugar” e “espaço” e utiliza a palavra como algo que os une metaforicamente. O lugar seria algo ligado à ordem e configuração das coisas e o espaço seria o lugar praticado, “o espaço estaria para o lugar como a palavra quando é falada” (1994, p.184). Trazendo a figura do urbanista, o autor diz que a rua geometricamente pensada por eles é transformada em espaço pelos pedestres.

É o peso atribuído ao relato pelo autor que se faz interessante para este trabalho, percebendo de maneira mais minuciosa como as dinâmicas urbanas acontecem devido as várias estratégias de gestão de espaços, em diferentes escalas, por diferentes atores e principalmente pelo cruzamento de diferentes relatos. Ainda de acordo com Michel de Certeau:

O relato tem papel decisivo. Sem dúvida, “descreve”. Mas “toda descrição é mais que uma fixação”, é, “um ato culturalmente criador”. Ela tem até poder distributivo e força performativa (ela realiza o que diz) quando se tem um certo conjunto de circunstâncias. Ela é então fundadora de espaços. (CERTEAU, 1994, p.191)

Me apropriando de seus conceitos poderia considerar esse cruzamento de diferentes relatos como sendo o que ele chama de “teatro de ações”, tais narrativas representadas nesse pretenso cenário tem caráter criativo, autorizando e legitimando o que ele chama de “[...] ações efetivas. Cria um campo que autoriza práticas sociais arriscadas[...]” (1994, p.192). Nesse ponto que chegamos a ideia de fronteira e ponte, também utilizada nestas páginas, a ideia é de

---

<sup>6</sup> Apontando para técnicas discursivas e relações de poder utilizadas no processo de planejamento da cidade o artigo da antropóloga Roberta Guimarães, *O patrimônio cultural na gestão dos espaços do Rio de Janeiro* (2016), fala da produção de zonas de interesses turísticos através de estratégias políticas que associam a patrimonialização de conjuntos arquitetônicos com ações que visam a renovação urbanística. A autora levanta a hipótese de que tais políticas têm caráter estratégico no que se refere à regulação de fronteiras entre os habitantes e na distribuição dos recursos entre os espaços da cidade.



que o relato tem uma característica contraditória de conseguir construir fronteiras e demarcações ao mesmo tempo em que constroem pontes que as atravessam. A fronteira para o autor, para além da função demarcatória, se apresenta como um ponto de intercâmbios, encontros e passagem também.

Um exemplo claro que demonstra tal *teatro de ações* foi o lançamento do empreendimento Porto Vida que aconteceu no Clube do Servidor localizado na Cidade Nova, nessa oportunidade foram assinados termos de reserva de aquisição de imóvel por servidores, marcando dessa forma o início das vendas do Porto Vida com entrega prevista aos proprietários no ano de 2017. O então prefeito Eduardo Paes comparece e posa na foto em que uma servidora do município assina seu termo de reserva.

Na própria foto é possível perceber tal teatro desde o banner que traz a foto promocional do residencial quanto ao logotipo da prefeitura como apoiadora e incentivadora. Observando mais um pouco a imagem é possível notar vários senhores de terno, possíveis representantes sejam das construtoras ou até mesmo secretários do governo. Tal imagem comunica muitas coisas, desde o apoio ao projeto, a ideia de união público-privada muito valorizada pelo então prefeito até a ideia de que ao assinar o termo de reserva se demonstra o interesse pelo imóvel e “concretiza” o plano do prefeito de “trazer a vida para o porto”, “Revitalizar” a região. Ou seja, essa imagem comunica o sucesso de um projeto. Mas a trajetória do Porto Vida vai bem além desta imagem como veremos neste trabalho.

Figura 2 - Servidora do município assinando o termo de reserva de aquisição de imóvel no lançamento do Porto Vida Residencial. Fonte: portomaravilha.com.



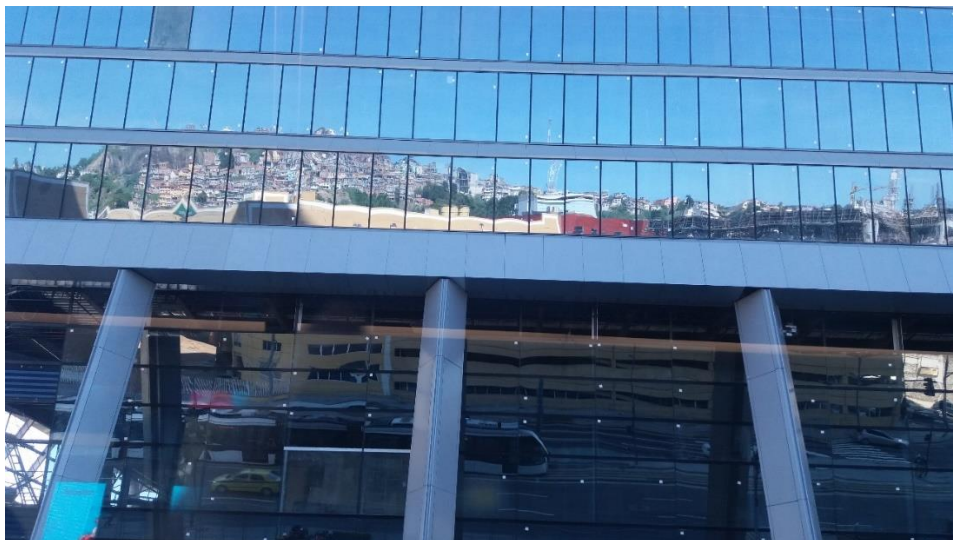
Acesso em 20 de abril 2017.

Essa maneira de perceber a construção e relação entre os atores com seus relatos e ações auxiliam a reflexão sobre as novas reconfigurações pelas quais o bairro passou nos últimos anos

com as transformações urbanas impulsionadas com a escolha da cidade do Rio como sede de grandes eventos. A implementação do projeto Porto Maravilha que marcou a região portuária como espaço “revitalizável” e carente de inúmeras transformações. Como o bairro Santo Cristo através de relatos “refundaram” um espaço tornando-o circulável, criaram ruas, estabeleceram fronteiras e proporcionaram novas interações com o espaço e resgataram uma categoria e a ressignificaram – me refiro à categoria Praia Formosa.

Acredito ser importante levar em consideração também que uma característica que perpassa os projetos do Porto Maravilha no geral é a preocupação com o aspecto moderno, valorizado como sendo um reflexo de sucesso dos projetos além de corresponder a estética de Cidade Global pretendida também com o desenvolvimento das transformações urbanas. A mensagem de que tais investidas pretendiam levar a cidade para o primeiro mundo pode ainda ser ouvida através de uma gravação reproduzida dentro do VLT – Veículo Leve Sob Trilhos, “O VLT carioca, torna possível a entrada do Rio de Janeiro no primeiro mundo”. Trata-se de uma narrativa que demarca uma fronteira, principalmente pelo contexto pelo qual ela é veiculada, dentro do VLT - o “bonde moderno”<sup>7</sup> que funciona como um tipo de “personificação” da proposta de união do antigo com o moderno – na parada Cidade do Samba que fica em frente ao recém-inaugurado AQWA Corporate (ver imagem 2), um complexo corporativo assinado pelo renomado arquiteto Norman Foster do escritório Foster+Partners<sup>8</sup>.

Figura 3 Foto retirada do interior do VLT que aparece na imagem refletida no AQWA Corporate, ainda no detalhe parte do prédio da cidade do samba e mais acima o reflexo do morro da Providência.



Acervo pessoal. Foto retirada no dia 24 de abril 2017.

<sup>7</sup> Utilizei o termo “bonde moderno” de Alfredo Sirkis, na época secretário Municipal de Urbanismo e presidente do Instituto Pereira Passos. Me refiro a um trecho do livro Revitalização de centros urbanos em áreas portuárias de 2004.

<sup>8</sup> Informações retiradas do site da empresa desenvolvedora do projeto Tishman Speyer acessível através do link : <<http://tishmanspeyer.com.br/comercial/aqwa-corporate>> Acessado em 20 de novembro 2017.

Trago a imagem e o exemplo deste empreendimento agora pelo que sua estética representa, trata-se um exemplo de arquitetura imponente com linhas curvas que parecem desafiar a gravidade. Podemos aqui dizer que é um “marco” como diria Kevin Lynch<sup>9</sup> (1997, p.88) que contrasta com seu plano de fundo como é possível perceber na imagem acima, que se propõe como algo destacável pela sua imponência e singularidade onde ele está inserido. Indo além de tais constatações, ousaria dizer que nos projetos urbanísticos implementados na região portuária investiram em inaugurar “marcos”, na região da Praia Formosa o “marco” seria a construção do maior residencial da cidade do Rio.

Tais ideais e “marcos” passam hoje por questionamentos quanto ao que fora investido para viabilizar suas construções e o retorno que os empreendimentos têm proporcionado. Aparentemente o montante de dinheiro não tem dado o retorno almejado. O próprio prédio desenvolvido pela Tishman Speyer, de acordo com uma reportagem do site G1<sup>10</sup>, foram investidos 800 milhões de reais neste prédio localizado na frente da cidade do samba. A diretora de desenvolvimento da empresa Haailih Bittar é quem expõe tal número na reportagem e aponta que esperava uma retração da economia após as Olimpíadas, mas que acabou tendo outras surpresas negativas no setor de energia no Rio. Enfim, este é apenas um exemplo em uma região com tantos outros, como o caso da Praia Formosa com as ruínas de seus projetos de ‘revitalização Olímpica’.

É ciente de todos os fatos abordados aqui como inerentes as dinâmicas urbanas que direciono o olhar para a região da Praia Formosa, evidenciando as transformações urbanas pelas quais ela já passou chegando aos dias atuais quando a região se preparou para mais transformações e hoje vive seus efeitos.

---

<sup>9</sup> LYNCH, Kevin; CAMARGO, Jefferson Luiz. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

<sup>10</sup> Reportagem do site g1.com.br do portal da Globo apresenta a situação de imóveis desocupados pós período de Olimpíadas, no título a reportagem já gera espanto: “Zona Portuária do Rio é a que mais tem prédios desocupados na cidade”. As informações foram apuradas através do Sindicato da Habitação e uma empresa internacional de consultoria imobiliária. Link disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/zona-portuaria-do-rio-e-a-que-mais-tem-predios-desocupados-na-cidade.ghtml>> Acesso em 22 de dezembro de 2017.

## 2 PRAIA FORMOSA, DO ATERRO À ‘REVITALIZAÇÃO’

Entremos em solos aterrados enfim, Praia Formosa. Conforme relatado na introdução desta dissertação, meu primeiro contato com essa categoria, tomando conhecimento do termo pelo seu significado literal Praia Formosa como praia de fato. Porém essa categoria já foi ressignificada com o passar do tempo, atendendo finalidades que se apresentaram como “marcos”, ou também diferentes modernidades. Perpassemos por elas agora como um breve histórico.

A instalação da família real na Quinta da Boa Vista no bairro de São Cristóvão, unida à abertura dos portos às nações amigas no ano de 1808, fomentaram o desenvolvimento de iniciativas voltadas ao urbano. A crescente atividade portuária acabou dinamizando a ocupação também dos morros e planícies nas áreas vizinhas, o que proporcionou posteriormente condições para a formação dos bairros: Saúde, Gamboa e Santo Cristo.

Para atender às necessidades de deslocamento da família real portuguesa de São Cristóvão ao Paço, intervenções urbanas foram providenciadas visando melhorar o trajeto. Dentre estas o aterramento de mangues para permitir o tráfego das carruagens da corte (VAZ, 1987). Essas “melhorias” viárias dos caminhos em direção à Praia Formosa foram realizadas na zona portuária desde o século XX. Seguem abaixo imagens mostrando o início da “urbanização” da região ainda praiana.

Figura 4 - Retrato da Praia Formosa feito pelo pintor realista Leonel Brayner.

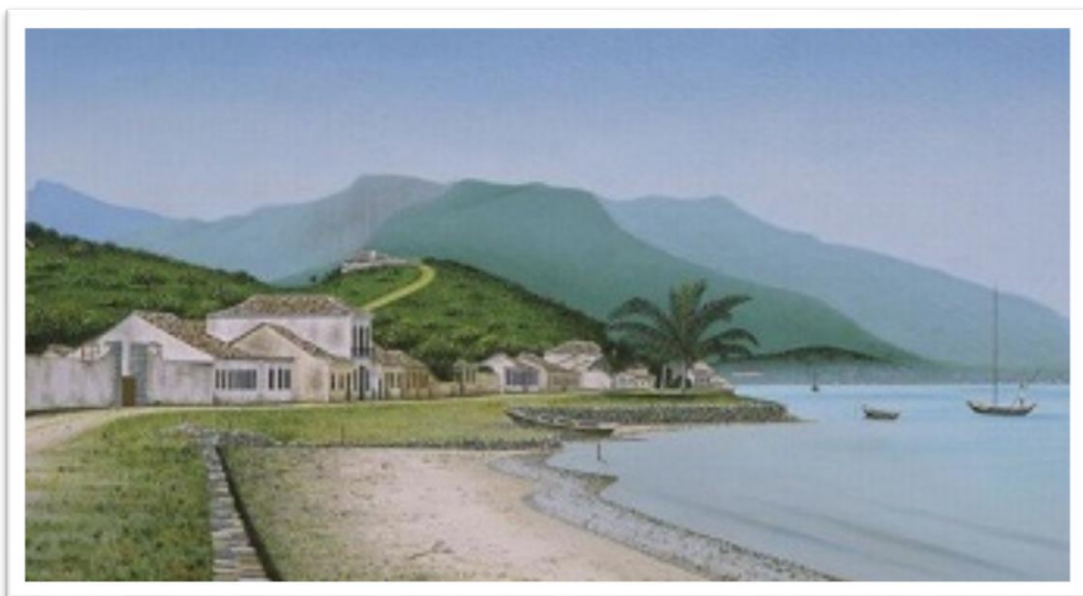


Imagem retirada do livro “Rio, pena e pincel”, 2011 Editora Casa da Palavra.

Figura 5 - Foto de 1866, ao fundo a Praia Formosa com as Ilha dos Cães e das Moças.



Imagem retirada do livro “História dos Bairros: Saúde, Gamboa e Santo Cristo”, Editora Index, 1987.

A Praia Formosa era localizada às margens de onde é hoje a rua Pedro Alves, até São Cristóvão em uma época que ainda não existia a avenida Francisco Bicalho e tampouco o cais do porto tal qual ele é hoje. Próximas a essa praia existiam, no início do século XIX, duas ilhas, uma chamada de Ilha dos Cães e outra Ilha das Moças. Tanto a Praia Formosa quanto as ilhas margeavam o Morro de São Diogo e o Morro de Paulo Caieiro, este último ficou conhecido ainda como Morro do Nheco em meados do século XIX e somente no final do século começa a ser chamado de Morro do Pinto tal como é conhecido nos dias atuais. Trago abaixo quatro imagens de mapas da região, do início do século XIX ao início do XX, a fim de auxiliar na compreensão das transformações urbanas ocorridas na localidade.

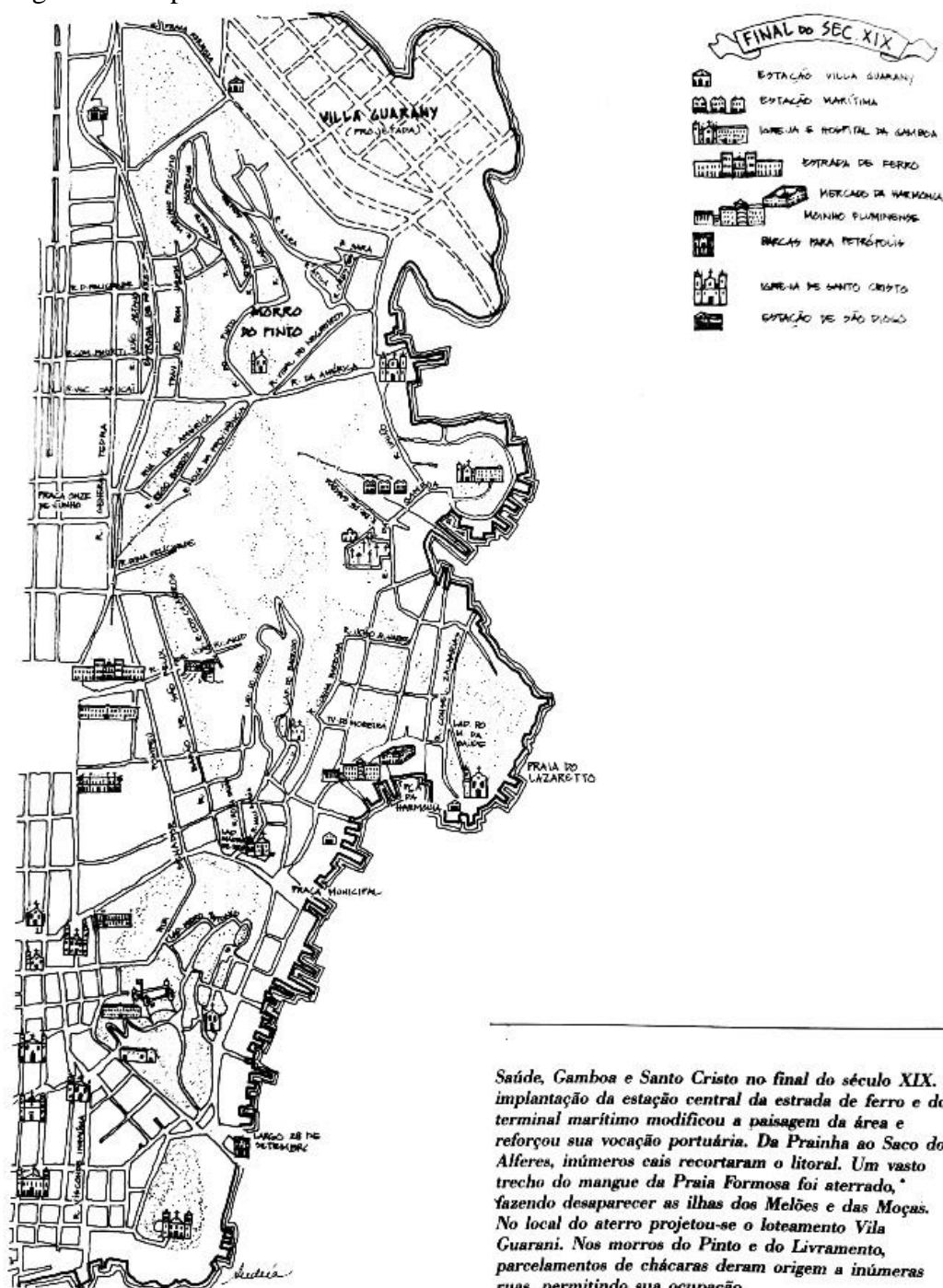
Nos mapas é possível perceber o avanço dos aterramentos que de certa maneira realinharam irregularidades da costa, proporcionando crescimento e alastramento das vias, recortando os terrenos que por sua vez tiveram seus nomes modificados também. Olhando as legendas dos mapas é possível perceber como a Igreja de Santo Cristo era bem próxima do mar e no início do século XX, pós aterramento, essa proximidade acaba. Hoje em dia quem passa pelo largo da igreja nem é capaz de pensar nesse cenário histórico.







Figura 8 - Mapa do final do século XIX.

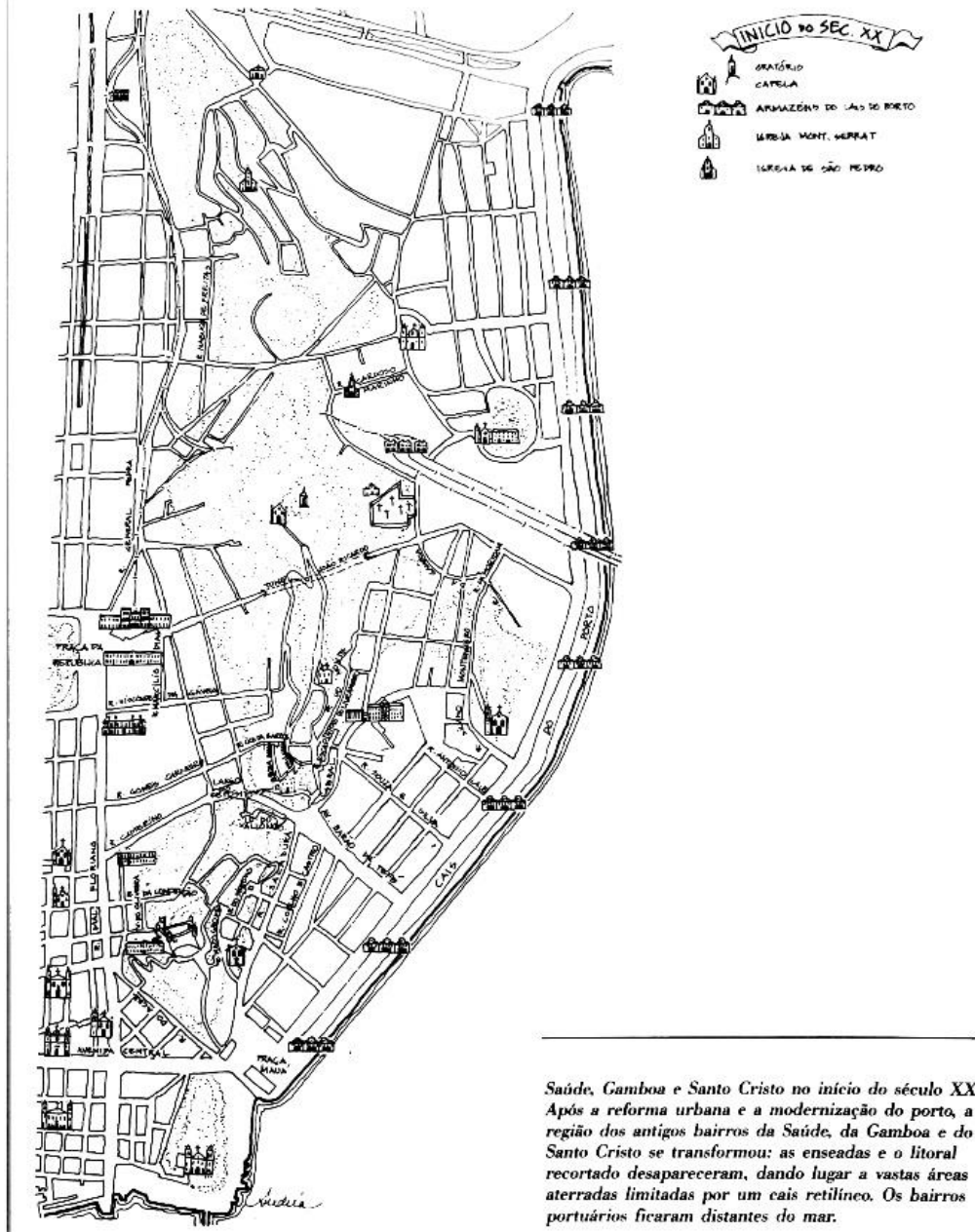


Saúde, Gamboa e Santo Cristo no final do século XIX. A implantação da estação central da estrada de ferro e do terminal marítimo modificou a paisagem da área e reforçou sua vocação portuária. Da Prainha ao Saco do Alferes, inúmeros cais recortaram o litoral. Um vasto trecho do mangue da Praia Formosa foi aterrado, fazendo desaparecer as ilhas dos Melões e das Moças. No local do aterro projetou-se o loteamento Vila Guarani. Nos morros do Pinto e do Livramento, parcelamentos de chácaras deram origem a inúmeras ruas, permitindo sua ocupação.

Imagem retirada do livro “História dos Bairros: Saúde, Gamboa e Santo Cristo”, Editora Index, 1987.



Figura 9 - Mapa do início do século XX, nele já é possível perceber as transformações no traçado urbano.



*Saúde, Gamboa e Santo Cristo no início do século XX. Após a reforma urbana e a modernização do porto, a região dos antigos bairros da Saúde, da Gamboa e do Santo Cristo se transformou: as enseadas e o litoral recortado desapareceram, dando lugar a vastas áreas aterradas limitadas por um cais retilíneo. Os bairros portuários ficaram distantes do mar.*

Imagens retiradas do livro “História dos Bairros: Saúde, Gamboa e Santo Cristo”, Editora Index, 1987.

Como é possível perceber ao observar nos mapas acima, a Praia Formosa deixou a categoria de praia e passou a ser malha urbana e incorporou, com o aterramento, duas ilhas no final do século XIX. Tal transformação foi promovida para a construção do Cais do Porto e também para a abertura de vias de acesso muito importantes como a Av. Francisco Bicalho. Tal transformação urbana representa um projeto de cidade pensado naquele momento histórico em que a atividade portuária era crescente e valorizada. Trata-se de um período de reformulações urbanas, em que novas narrativas e fronteiras e modernidades foram pensadas tendo a figura de Pereira Passos como nome chave dessas transformações, trazendo de fora do país inspirações e modelos para serem aplicados aqui.

No trabalho desenvolvido pela antropóloga Julia O'Donnell (2011) é possível perceber traços da cidade do Rio no século XIX. Tendo seu ponto de chegada em Copacabana, a autora remonta aspectos urbanos históricos que propiciaram a construção de simbolismos e representações sobre a praia/bairro carioca. O'Donnell aponta para *crescimento urbano ímpar* da cidade nas últimas décadas do século XIX, conforme foi possível perceber através dos mapas acima. De acordo com ela é preciso perceber como a ampliação da malha urbana proporcionou um afluxo de pessoas que dinamizaram a economia e ao mesmo tempo ocupavam novos espaços. Tratava-se da modernização que nas palavras da autora, *arrombava a cidade sem pedir licença* (2011, p.25). Na região Portuária, mais especificamente na Praia Formosa, essa modernidade significou o aterramento da praia para a ampliação do Porto da cidade e da malha ferroviária.

Logo após seu aterramento, a categoria Praia Formosa foi ressignificada e virou nome de estação ferroviária em 1909 fazendo funcionar uma linha importante ligando a então capital com Petrópolis. Nesses moldes a estação funcionou até 1975 com o transporte de passageiros, depois disso passou a funcionar para serviços de transporte de cargas por algum tempo. Após seu fechamento definitivo o terreno ficou contando com os vestígios de seus antigos usos como carcaças de trens antigos, trilhos não mais utilizados já encobertos pela vegetação que crescia e alojamentos/moradias para alguns funcionários da Rede Ferroviária Federal. Todos esses vestígios, juntamente com os moradores, foram retirados no processo de limpeza do terreno para a preparação das obras do Porto Olímpico sobrando apenas parte da estrutura da estação férrea para dar lugar ao terminal rodoviário Padre Henrique Otte. Logo abaixo coloco uma foto retirada durante essa preparação.

Figura10 Foto da região da Praia Formosa sendo preparada para a implementação do residencial e do hotel.



Os armazéns no canto inferior direito da foto é possível perceber o processo de desmanche de parte da estrutura para o alargamento da rua. Hoje, na parte coberta que sobrou deles funciona o Terminal Padre Henrique Otte, ao lado a rua General Luís Mendes de Moraes. Ao fundo é possível notar parte do Morro do Pinto. Foto retirada do site do jornal O Globo online em reportagem do dia 03 de junho de 2012. Acesso em 13 de abril 2016.

Fundaram-se novas fronteiras, o lugar que fora praia, estação ferroviária e moradia agora se preparava pra novas ressignificações. Ruas foram abertas, casas viraram calçadas. O intransitável, o que não mais era espaço público virou via e onde “habitavam” trilhos, trens e pessoas se tornou um canteiro de obras onde seriam erguidos o Porto Vida Residencial e o Hotel Praia Formosa Holiday Inn.

Para entender o que estava se passando nessa região em termos de projetos e os agentes envolvidos neles, procurei conversar/entrevistar arquitetos que estudaram através de seus saberes da arquitetura tais alterações. A ideia foi conversar com arquitetos que estavam envolvidos de maneira não tão direta com os projetos, não estava interessada em uma abordagem sisuda sobre o assunto. Antes de tudo eu também precisava me inteirar sobre as linguagens, narrativas e mediações ocorridas nesse cenário arquitetônico.

Quanto a isso sou muito grata aos meus entrevistados/interlocutores, todos solícitos e pacientes com minha inexperiência no assunto e terminologias que para eles eram recorrentes. Com a ajuda deles consegui compreender um pouco melhor as tramas não tão planejadas dos planejadores, percebi que muitos agentes se imbricam no processo e muitas mudanças acontecem desde a entrega do projeto até a sua pretensa conclusão.

No caso da região da Praia Formosa as transformações foram mediadas por um concurso organizado pelo IAB- Instituto de Arquitetos do Brasil, concurso Porto Olímpico, que abriu suas inscrições dia 10 de novembro de 2010, encerrando-as após prorrogação no dia 02 de fevereiro de 2011. A divulgação do resultado que aconteceria no dia 08 de fevereiro só saiu no final do mês de junho de 2011, no dia 28.

A primeira entrevista aconteceu após meu contato com a equipe do site RioNow<sup>11</sup>. Depois desse primeiro contato marcamos uma conversa e fui muito bem recebida pela Arquiteta e Urbanista Ana Luiza Nobre professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Ela foi coordenadora da equipe desenvolvedora do projeto de acompanhamento das transformações que a cidade do Rio passou desde 2009 que culminou na elaboração do site RioNow.

Essa interlocutora também ressaltou o que perpassa minha argumentação e linha de pensamento nesta dissertação, os relatos, mais especificamente aqui as palavras que repetidas vezes se ouvia no período de transformações urbanas. Ana Luiza chamou de “vocabulário olímpico” tais palavras e narrativas massivamente difundidas neste período, “legado”,

---

<sup>11</sup> Site desenvolvido por um grupo de pesquisadores do departamento de arquitetura e urbanismo da PUC-Rj com objetivo de acompanhar e registrar o processo de transformações urbanas do Rio de Janeiro em função de megaeventos sediados na cidade a partir de 2009. < <http://rionow.org/home.html>>

“revitalização”, “degradado”, “oportunidade” foram termos que durante nossa conversa destacamos como principais vocábulos.

Esse é um dado interessante que corrobora a ideia exposta no primeiro capítulo, ou seja, destacando a importância dessas estratégias narrativas como demarcadoras e fundadoras de espaços. Descrever é uma ação criativa, que demarca e assim funda fronteiras, é importante ter isso em mente ao se pensar as transformações urbanas. Ana Luiza se demonstrou muito crítica ao termo “revitalizar”, uma terminologia que traz em si a ideia “dar vida” pressupondo que antes não havia. Destaco abaixo um trecho de nossa conversa sobre esse assunto:

Eu tenho uma série de problemas com ela (revitalização), por que pressupõe que algo está morto e tem que ser recuperada a vida enquanto tem um vida toda que foi expulsa dali inclusive que nasceu debaixo da Perimetral, tem os skatistas, a feirinha de antiguidades de trocas... tinha um monte de coisas debaixo dali da Perimetral. Então tem toda uma retórica também que investe nessa ideia de que aquilo está morto então tem que derrubar, demolir, refazer grandes obras para revitalizar. Na verdade, tem muita coisa que está sendo dilacerada, que está sendo oculta, está sendo expulsa dali entendeu? E tem uma vida que vai surgindo ali como resistência. (Ana Luiza Nobre em entrevista concedida 16 de janeiro de 2017).

Ela vê o Rio de Janeiro ainda muito preso a um tipo de arquitetura voltada aos projetos grandiosos, “vivendo na esteira de uma tradição modernista muito forte” valorizando os grandes projetos e os ditos gênios da arquitetura. Mas acredita que já existe um pensamento mais crítico, “que repensa o próprio lugar do arquiteto, desconstrói a figura do arquiteto como autor do projeto, pensa modos de projetar que envolvam os usuários ou que envolvam modos de participação política de mobilização”. De acordo com a professora pesquisadora esses moldes de arquitetura de grandes projetos são insustentáveis e a implementação de uma forma de pensar mais crítica sobre esses aspectos é inevitável. Para ela a estética desses megaeventos faz tributos a construção icônica de monumentos que não fazem sentido.

São obras que promovem uma ideia de cidade, uma imagem pra vender a cidade, uma cidade moderna entre aspas, uma cidade maravilhosa entre aspas, uma cidade onde vale a pena investir, onde vale a pena passar as férias, enfim, comprar imóveis. Mas é uma concepção muito atrasada de cidade. (Ana Luiza Nobre em entrevista concedida 16 de janeiro de 2017)

Esse modo de produção que visa um modelo estético que represente ícones de modernidade e que componham um cenário de cidade moderna foi um ponto que apareceu em todas as entrevistas realizadas com os arquitetos, são os “marcos” que Lynch (1997) narrava. Tem a função de sustentar, e poderíamos até mesmo questionar a força dessa sustentação, uma imagem de cidade global aos moldes internacionais.; São “fachadas com pele de vidro remetendo ao moderno” nas palavras do meu terceiro entrevistado (falarei mais sobre ele mais à frente). Trata-se de um senso estético pensado para passar uma mensagem, é a fundação de

um espaço moderno. É uma mensagem de fácil compreensão pelo seu caráter monumental, aos olhos dos passantes citadinos é notória a demarcação desse lugar. É o que Rem Koolhaas (1978) chama de *automonumento* do século XX, marcando sua desproporcionalidade com seu entorno.

Falando ainda em “marcos” vamos chegando mais perto do “maior prédio residencial a ser construído no Rio de Janeiro”, o Porto Vida Residencial, uma das promessas para a região portuária a serem desenvolvidas mediante um concurso. Foi durante minha conversa com Ana Luiza que percebi a importância do concurso Porto Olímpico como algo que deveria ser refletido, na época eu ainda estava indecisa sobre qual região delimitar o estudo, em mente só tinha a certeza de que este recorte seria na região portuária.

Depois de enfim estabelecer o recorte de pesquisa como a Praia Formosa busquei me abastecer de informações sobre as transformações pretendidas para a região. Foi nesse contexto e buscando saber mais sobre o concurso que realizei a segunda entrevista com o arquiteto Vinicius Machado que inclusive desenvolveu um trabalho sobre o concurso Porto Olímpico<sup>12</sup>. Ele me ajudou a compreender as tramas tortuosas que envolveram o concurso e posteriormente o desenvolvimento das obras pautadas pelo projeto vencedor. Abaixo coloco a imagem correspondente a página 5 do projeto original vencedor, onde o arquiteto detalha o que seria implementado na região da Praia Formosa, chamado de terreno leste.

Em nossa conversa pude perceber que nem tudo sai como o planejado e que alterações nos projetos fogem um pouco das mãos do arquiteto planejador nesses grandes empreendimentos, ficando muitas vezes a cargo do contratante e sua equipe de analistas alterações no projeto para que ele se torne mais rentável no final das contas.

---

<sup>12</sup> Menção a dissertação de mestrado do arquiteto Vinicius Costa Cavalheiro Machado que tem o título “A Produção Social do Espaço Urbano e da Arquitetura no Contexto dos Megaeventos no Rio de Janeiro: Notas sobre o Concurso “Porto Olímpico” (2010)”. É possível acessar o texto através do link < [http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1321745\\_2016\\_completo.pdf](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1321745_2016_completo.pdf)> Acesso em 15 de março de 2017.

Figura 11 - Parte do projeto vencedor do Concurso Porto Olímpico sobre o terreno leste da Praia Formosa.



Imagem cedida por meu entrevistado.

Com o patrocínio da prefeitura da cidade através do IPP- Instituto Pereira Passos e com organização do Instituto de Arquitetos do Brasil-RJ, o Concurso Porto Olímpico teve abrangência nacional, deixando aberta a participação para todos os arquitetos habilitados as atribuições exigidas para a realização dos serviços pedidos, atendendo o exigido na Lei Federal que regula o exercício das profissões de engenheiro, arquiteto e agrônomo. Para além disso os candidatos deveriam estar em situação regular no CREA de seu respectivo Estado. Porém, mesmo com a abrangência nacional os escritórios participantes fizeram parcerias com escritórios internacionais, Vinicius Machado salientou que o próprio escritório, grupo de arquitetos que venceu o concurso, recorreu a esse tipo de associação.

Além dessas informações mencionadas até aqui no edital do concurso também estavam contidas informações acerca da comissão julgadora, as possibilidades de visitas às áreas onde seriam implementados os projetos, detalhes ainda sobre formatação e formas de entrega dos trabalhos, detalhes sobre as inscrições, direitos autorais e patrimoniais, penalidades, recursos e homologações dos resultados, valor das contratações e seus detalhamentos, pedidos de possíveis esclarecimentos e premiações aos primeiros lugares e menções honrosas.

Um tópico do edital me pareceu curioso e na conversa com Vinicius Machado tal tópico foi mencionado, o de número 13.2, nele estava registrado que ao primeiro colocado ficaria



estabelecido um “teto” de realização de 40% do projeto apresentado por ele. Destaco abaixo o trecho do edital ao qual me refiro aqui:

13.2 A critério do MRJ poderão ser contratados um ou todos os demais vencedores para o desenvolvimento de parte (s) dos seus respectivos Estudos Preliminares, caso em que fica assegurado ao 1º Colocado o desenvolvimento de pelo menos 40% do Escopo de seu Estudo Preliminar.(EDITAL DE CONCURSO PÚBLICO MRJ/IPP e IAB-RJ N° 01/2010 , p.18)

De acordo com Vinicius não ficou claro no edital e tão pouco em seus anexos como se daria essa escolha de conteúdo que de fato deveria ser cumprido pelo vencedor. O que fica exposto em outra parte do documento é a contratação/ participação dos outros participantes mais bem colocados, o que nos levou a supor que os outros 60% ficariam a cargo destes arquitetos. Mas em momento nenhum se registou no edital como aconteceria essa divisão. De fato, foi o que realmente aconteceu, pois, estudando mais a fundo os projetos é possível notar a presença do arquiteto que teve o título de menção honrosa no concurso, Daniel Gusmão, tomando a frente do trabalho de planejamento de fachada do Hotel Praia Formosa Holiday Inn. Uma publicação do site da Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário do Rio de Janeiro sobre esse tema ajuda a compreensão:

Para chegar à modelagem econômica final do Porto Olímpico, a companhia fará novas simulações baseadas nos quatro projetos arquitetônicos vencedores do concurso Porto Olímpico, anunciados semana passada pelo IAB-RJ. É possível que opte por um híbrido dos quatro, de acordo com a viabilidade apontada nos estudos. A única obrigação é aproveitar 40% do projeto vencedor, do arquiteto João Pedro Backheuser. (Trecho destacado do site da Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário – ADEMI RJ [http://www.ademi.org.br/article.php3?id\\_article=33701](http://www.ademi.org.br/article.php3?id_article=33701) Acesso em 06 de dezembro 2017).

Os detalhes mais específicos sobre o que era almejado nos projetos ficaram disponibilizados nos anexos. Destaco aqui o que acredito ser capaz de nos auxiliar a pensar as transformações da região da Praia Formosa, o resgate dessa categoria e seus desdobramentos no decorrer das obras. Nas palavras contidas no anexo I, o projeto vencedor deveria promover a “requalificação de partes da cidade que ficaram esquecidas no tempo.” (2011, p.3).

Discursivamente as estratégias são voltadas ao resgate de uma memória e história ao mesmo tempo em que oferecer estéticas modernas, novas. Em um vídeo promocional<sup>13</sup> gravado na Praia Formosa ainda como estação férrea, o vencedor do concurso, João Pedro Backheuser, passeia pelos trilhos cobertos por grama alta e ao fundo é possível perceber a presença de um trem, marca dos usos passados do lugar. O autor do projeto fala em um momento do vídeo em

<sup>13</sup> Link de acesso ao vídeo com o arquiteto vencedor do Concurso Porto Olímpico citado no texto explicitando algumas pretensões na implementação dos projetos na região :  
<<https://www.youtube.com/watch?v=isauZzpBEY8>> Acesso em 03 de dezembro 2017.

unir a “condição pré-existente com o novo” enquanto o cinegrafista focaliza a igreja branca no topo do Morro do Pinto, a Igreja de Nossa Senhora do Montserrat.

Sobre esse assunto também pude conversar com arquiteto Vinicius Machado, ele acentuou que nenhum dos projetos levaram em conta a proximidade com o Morro do Pinto e tampouco propuseram efetivamente um plano que levasse em consideração a integração ou aproveitamento dessa proximidade. Na imagem promocional que coloco abaixo é possível notar a ausência do morro atrás da construção, ignorando a proximidade real existente entre ambos. A única menção era a uma questão paisagística que parece desfocar a ideia do morro através de um enfoque bucólico a possibilidade de vista da igreja no topo do morro.

Figura 12 - Imagem promocional do Porto Vida Residencial. Nota-se a ausência do Morro do Pinto atrás dos prédios. Retirada do site de corretores [imoveismaisrio.com](http://imoveismaisrio.com)



Acesso em 24 de abril 2017.

Tiro tais impressões analisando a linguagem audiovisual, ou seja, verbal, visual e sonora, presentes no vídeo que mencionei mais acima. A conversa com meu interlocutor veio reiterar minhas impressões, então pude perceber que tal questão tem sua crítica inclusive entre os estudiosos da arquitetura. Nesse contexto então o Morro do Pinto ao fundo seria a marca dos antigos usos do lugar enquanto nas palavras do autor, o “terreno leste, pátio da Praia Formosa”



representará o novo e moderno. A “ponte” entre estes dois espaços ficaria a cargo da abertura de duas ruas por onde os passantes, moradores ou não do Morro poderão acessar o então “pátio”.

O filósofo e sociólogo francês Henri Lefebvre (1999) acrescenta argumentos interessantes sobre esse debate. Ele vê o que ele chama de ilusão urbanística que consistiria na ideia de que os planejadores urbanos conseguiriam abarcar sistematicamente um espaço com suas práticas, moralidade e delimitações espaciais, e com isso construir uma totalidade completamente nova. O autor ainda faz uma dura crítica sobre as alterações das práticas urbanas que segundo ele os urbanistas sequer as estudam, mas ainda sim almejam alterá-las.

Transpondo as palavras do autor buscando torná-las palpáveis, parece faltar ao urbanista a percepção e valorização real do espaço pré-planejado. O entendimento de que o espaço não é híbrido, não é uma maquete nem um programa de computador, ele é habitado, vivido e mais do que vivido ele se faz vivo pelas relações que se estabelecem com ele.

Ainda falando das contribuições que obtive da conversa com o arquiteto Vinicius Machado, destaco a reflexão que este me proporcionou ao debatermos sobre o panorama truncado que envolveu todo o desenvolvimento do concurso, e que podem ter contribuído para a estagnação destes projetos. Nas palavras de meu interlocutor o concurso em si foi muito turbulento, destacando ainda na ocasião alguns imbróglis que puseram inclusive a idoneidade do concurso à prova judicialmente.

O primeiro fato que deixou os participantes do concurso insatisfeitos foi a demora para a divulgação dos resultados. De acordo com meu interlocutor a comissão organizadora do concurso suspendeu a data da divulgação do resultado muito perto da data prevista inicialmente e ainda assim sem fornecer uma justificativa plausível aos olhos dele e dos participantes inscritos. Eles teriam liberado uma nota explicando que os debates sobre as Cepacs ainda não haviam se encerrado e com isso eles não poderiam fazer a divulgação pois era vetada qualquer ação que pudesse de alguma forma alterar o valor imobiliário da região até que o término do leilão das Cepacs. Tal justificativa não se sustentaria, pois, a própria promoção do concurso já havia tido ampla divulgação e promoveu de certa forma a região, o que em si já alterou o valor imobiliário da região. Fundaram novas fronteiras e promoveram as transformações na região.

Este fato aparentemente despertou um sentimento de dúvida sobre a serenidade do que estava acontecendo nos bastidores do concurso, e fez com que os inscritos se questionassem sobre a motivação real do atraso de quase quatro meses (seria no dia 08 de fevereiro de 2011, mas só saiu dia 28 de junho do mesmo ano). A situação se agravou quando o resultado enfim saiu e os nomes do vencedor e dos primeiros lugares, que como vimos mais acima também participariam da execução dos projetos. Dentre os vencedores e suas respectivas

equipes/escritórios teriam membros do conselho deliberativo do IAB. Outra questão se fundava, os inscritos alegaram que devido aos seus cargos, estes vencedores tiveram acesso a informações sobre o concurso antes destas se tornarem públicas, justamente por debater-las nos conselhos.

Meu entrevistado, após relatar tais fatos, ponderou os ânimos dizendo que tais conselhos deliberativos são abertos ao público e tem uma divulgação razoável antes de acontecerem, sendo expostas também as pautas que seriam debatidas nessas oportunidades. Ao mesmo tempo confessou que geralmente o quórum não é muito expressivo nesses conselhos, não fazendo parte da rotina da maioria dos arquitetos que não estejam de fato envolvidos diretamente com o projeto ou assunto debatido.

Outras reclamações aconteceram e teorias foram levantadas a fim de tentar derrubar o concurso, como o questionamento do fato do vencedor ser filho de um dono de uma construtora que já atuava em obras da prefeitura ter lhe proporcionado regalias no âmbito das informações supostamente conseguidas ou por já estar familiarizado com os desejos e modelos almejados pela prefeitura para o projeto. Suposições à parte, o concurso chegou a ser impugnado por uma juíza, mas nada mudou, nenhum dos vencedores foram destituídos e o projeto seguiu aparentemente sem que esta decisão fosse um empecilho.

Superando as turbulências o projeto parecia caminhar para sua implementação. Mas não foi bem assim, conversando com Vinicius aprendi que se tratava de um projeto que desafiava aspectos tanto da arquitetura quanto do urbanismo, pois eram previstas resoluções de “problemas” viários referentes a circulação como também deveria ser desenvolver uma arquitetura exuberante que conseguisse corresponder aos discursos da prefeitura, grande agente agitador de tais transformações.

Tal projeto, de acordo com meu entrevistado, tinha que lidar com: problemas do solo, criar uma arquitetura icônica por estar envolvida no projeto Olímpico, lidar com questões viárias e para além disso tudo tinha a enorme carga simbólica de ser o primeiro projeto do Porto Maravilha, sendo assim, a primeira imagem desse grande projeto:

era para ser icônico, tinha que gerar impacto, até por estar envolvido em um projeto Olímpico. Era o primeiro projeto do Porto Maravilha, a primeira imagem que ia sair dali... ia ser o caderno de vendas do Porto Maravilha que até aquele momento era apenas índice, 2D, era mapa. Tinha uma carga simbólica muito grande para ser resolvida naquele projeto, era um projeto difícil por ter que coordenar isso tudo. (Vinicius Costa Machado, entrevista concedida em 29 de outubro de 2017)

Tratava-se da aposta da prefeitura em dar a “vida” que compõe o conceito tão difundido de “revitalização” da região portuária do Rio de Janeiro. A ideia era trazer essa vida através da

compra dos imóveis do Porto Vida Residencial, atrair as pessoas para desfrutarem dos melhoramentos urbanos prometidos para essa região da cidade. É interessante ter em vista como o Porto Vida Residencial foi pensado como forma de dar materialidade aos ideais almejados nos projetos do Porto Maravilha no geral tal intensão não se omite, mas sim se reafirma no nome escolhido para o empreendimento residencial. Nesse aspecto é possível perceber outra questão que já se anunciava como um problema, era preciso fazer essas pessoas acreditarem e literalmente comprarem essas ideias difundidas pelas narrativas empolgadas do então prefeito e pelas reportagens também sempre repletas de signos positivos. Mas sobretudo não deixa de ser um grande investimento, principalmente por se tratar de local de moradia. Sendo assim, as áreas e regiões na cidade competem entre si e nessa competição a Praia Formosa aparece como uma aposta com risco elevado.

Parte do risco elevado estava ligado a “vida” que era quista para compor a habitação do projeto de “revitalização urbana” que a região foi submetida. A própria seleção das pessoas que teriam prioridade na compra dava conta de demarcar um tipo de perfil social e econômico pretendido para a ocupação dos 1.333 apartamentos do Porto Vida Residencial.

De acordo com informações acessadas através do site Porto Maravilha<sup>14</sup> do total de apartamentos 1.000 seriam vendidos prioritariamente aos servidores municipais que interessados. Segundo o site 10.979 servidores através de um cadastro participaram de um sorteio realizado pelo Instituto de Previdência e Assistência Previ-Rio para definir os 500 primeiros chamados para apresentar a documentação para análise de crédito e dar início assim aos tramites da compra do imóvel.

Essas informações já propiciam um debate muito interessante, mas por agora chamo a atenção para a relevância de tal projeto implementado na região da Praia Formosa tanto na sua materialidade estética e estrutural da obra em si quanto os fatores e apostas em alterar aspectos subjetivos da região ligados, as dinâmicas de memória ligadas a ela e qual modelo foi planejado na pretensão de ocupar tal espaço. O que deveria ser “apagado” e/ou superado? Trata-se de uma oportunidade de perceber as dinâmicas urbanas, a tentativa da implementação/reprodução de um modelo de cidade visando moldes de Cidade Global como já fora dito aqui mais acima. Mais que isso, no caso dos empreendimentos planejados para a região da Praia Formosa é preciso levar em conta as dúvidas cada vez maiores sobre a execução dos projetos.

Esse panorama de incertezas só se agravou com o tempo. Investigações da Polícia Federal iniciadas em março de 2014 acertaram em cheio as grandes empreiteiras responsáveis

---

<sup>14</sup> Informações acessadas estão disponíveis em: <<http://portomaravilha.com.br/noticiadetalle/4430>> Acesso em 10 dezembro de 2016.

pelas obras na região, inclusive do concurso Porto Olímpico, sob graves acusações de desvio de verbas e corrupção entre estas e diversos políticos do país. O boom da Operação Lava Jato deixou tudo ainda mais incerto e expôs as falhas dos projetos e seus desenvolvedores, a credibilidade havia ficado seriamente abalada.

Ainda assim era preciso organizar a “festa” Olímpica, sendo assim, a meu ver os discursos passam a focar no que não podia ser adiado, a realização dos jogos e as tomadas de decisões para torná-lo possível. Foi nesse cenário que a ideia da construção do residencial, estabelecimentos de hotelaria que comporiam um total de 10.600 quartos para acomodar o pessoal de mídia e responsáveis pela organização do evento, com o Centro de Exposições/Convenções, reforçando a ideia de “requalificação da Área portuária apoiando o evento olímpico de diferentes formas” (Anexo I, p.10), passou para a Barra da Tijuca, sob a justificativa de rentabilidade econômica dada pela prefeitura.

Sendo assim a região da Praia Formosa estagna-se na condição de canteiro de obras habitada por esqueletos de possíveis prédios que se configuram como ruínas de um futuro moderno e icônico que não chegou. Sob as conjecturas dos arquitetos que tive a oportunidade de conversar e trocar experiências aconteceu o esperado por eles. Ou seja, um projeto muito grande que precisaria ser fracionado e concluído em um espaço de tempo muito maior e levando em consideração fatores que vão além de uma estética pensada para causar impacto unido à crise econômica que a cidade e o país estão passando, não foi concluída. Investimentos ficaram pelo caminho:

A Caixa Econômica Federal investiu cerca de R\$ 100 milhões na construção do Porto Vida Residencial, cujo orçamento final está avaliado em aproximadamente R\$ 500 milhões. As obras são de responsabilidade do grupo Porto 2016 Empreendimentos Imobiliários, formado pelas empreiteiras Odebrecht, OAS e Carioca Engenharia. (Reportagem da plataforma de notícias Bol do dia 11 de fevereiro de 2015. <<https://noticias.bol.uol.com.br/fotos/imagens-do-dia/2015/02/11/ondominio-modelo-do-porto-maravilha.htm>> Acesso em 20 de maio de 2016.)

Sobre outro empreendimento desenvolvido no terreno leste da Praia Formosa, o Hotel Praia Formosa Holiday Inn, pude conversar com meu terceiro interlocutor que opto aqui por preservar sua identidade<sup>15</sup>. Um jovem arquiteto que chegou a trabalhar na obra do Hotel Praia Formosa e relatou descontente o processo em que a obra se desenvolveu, no caso desse interlocutor as informações foram mais escassas pois pelo que ele me relatou a obra era por

---

<sup>15</sup> A opção de manter oculta a identidade do terceiro entrevistado foi considerada para não prejudica-lo em futuros trabalhos e/ou atrapalhar possíveis relações com colegas de profissão já estabelecida. Por isso me limito a qualificar esta pessoa como um jovem arquiteto que viveu desilusões quanto a profissão e hoje busca exercer-la de forma mais “consciente”, utilizando um termo referenciado pelo próprio entrevistado em nossa conversa.

inteiro subdividida, sendo a fachada de responsabilidade do arquiteto Daniel Gusmão, arquiteto ao qual meu interlocutor tinha um contato mais direto por fazer parte de sua equipe, no escritório *Desing Arquitetura*.

Tal subdivisão dos trabalhos e a escolha dos escritórios participantes foi feita pela construtora Odebrecht, cabendo ao escritório do arquiteto que ganhou menção honrosa no concurso Porto Olímpico, o já mencionado aqui, Daniel Gusmão do escritório *Desing Arquitetura*, o desenho das fachadas. Todas as outras atribuições envolvendo a desde a fundação e as estruturas de concreto e metálica foram divididas entre outros escritórios. A responsabilidade por unir e compatibilizar os projetos era também de responsabilidade da construtora que, segundo o jovem arquiteto, promovia reuniões recorrentes para possibilitar o debate entre os escritórios e seus respectivos projetos.

Com ele aprendi um pouco sobre a estética que era almejada para tal empreendimento. De acordo com meu entrevistado a equipe em que ele estava trabalhando não tinha o hábito de fazer visitas no canteiro de obras e que ele em especial ficou durante o período de trabalho muito atarefado à procura de fornecedores de materiais que cumprissem a função do que era pedido no projeto assinado por Gusmão.

Este entrevistado relatou que se tratavam de padrões estéticos já testados para atingir um público-alvo consumidor de empreendimentos classe A. Tal padrão se sustenta nos materiais considerados nobres, mesmo que estes não tenham uma funcionalidade prática na construção eles são agregados como item garantidor de *status* pura e simplesmente. Trabalhar nesse meio era doentio para ele, porém não se trata de um sentimento solitário. O jovem contou que há um grande número de arquitetos que se demonstram bastante insatisfeitos com esse modelo de trabalho pautado na reprodução de “parâmetros padronizados”, utilizando o termo exato do meu interlocutor.

Essas insatisfações apareceram em todas as entrevistas como é possível notar até aqui. Há um movimento dentro da arquitetura que parece querer romper com essa lógica de valorização dos projetos icônicos que acabam sempre reproduzindo uma modernidade que não necessariamente é para “nós” brasileiros e/ou cariocas como no caso aqui abordado. Este meu último entrevistado relata que no decorrer de sua carreira “deixou de pensar e simplesmente carimbava padrões” ele sentiu uma perda da criatividade que tinha quando começou seus estudos na arquitetura. Ele acredita que é preciso olhar e considerar de maneira mais precisa para a sociedade, e romper com a vaidade tão presente no campo da arquitetura. A disparidade entre esse senso estético proposto e seu entorno é possível ser percebida analisando a imagem promocional disponível no site do arquiteto Daniel Gusmão e a imagem do prédio construído.

Figuras 13 - A esquerda foto promocional do Hotel Praia Formosa Holiday Inn, retirada do site do arquiteto responsável pela fachada do prédio ([www.danielgusmaoarq.com](http://www.danielgusmaoarq.com)).



Acesso em 26 de abril 2017. A direita as obras já avançadas do Hotel visto da Rua João Cardoso, no Morro do Pinto. Retirada em 15 de abril. Acervo Pessoal.

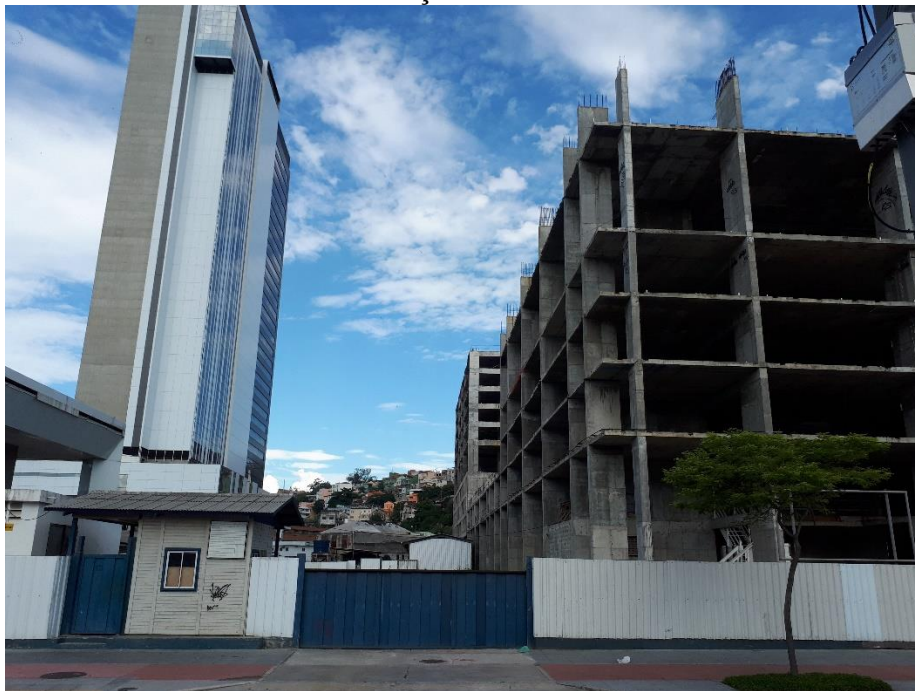
Esse interlocutor em questão trabalhou no desenvolvimento do projeto do hotel, depois disso, em 2015 seu trabalho nessa obra ficou mais esparso até que no início de 2016 ele se desvinculou por completo. De acordo com ele as demissões vinham ocorrendo aos montes, principalmente do pessoal mais antigo do escritório, de Daniel Gusmão, sendo substituídos por um pessoal mais novo e pouco capacitado.

Trata-se do processo de transformação e gestão dos espaços na cidade, tais processos fazem parte das dinâmicas do urbano. A Praia Formosa tendo (hoje) como seus “limites” a Praça Marechal Hermes, Rua General Luís Mendes de Moraes, Praça Dinah de Queiroz e imóveis do lado par da Rua Pedro Alves, ao todo uma área de 107.000 m<sup>2</sup> no total (Anexo I, 2011, p.7). Me aparece como um lugar perfeito para se pensar tais “urbanidades”, pois como busquei demonstrar até aqui, é uma região que já foi praia, estação ferroviária, em partes moradia e atualmente passou por mais transformações, foi redesenhada mais uma vez.

Tentaram pinta-la com traços característicos de uma estética que percebe a modernidade como um reflexo da cidade em arranha céus espelhados. Mas agora deixa aos representantes do aspecto “antigo” da região esqueletos cinzas ao lado de um esboço mais bem desenhado de

tais espelhos verticais. Ambos incompletos, cada qual em um estágio de desenvolvimento. O Porto Vida teve suas obras paralisadas antes mesmo que seu esqueleto tomasse totalmente forma a ponto de ser possível reconhecer seu futuro uso. Já o Hotel Praia Formosa é capaz de enganar de longe os passantes que podem chegar a pensar que não se trata de um prédio abandonado antes mesmo de sua conclusão. Abaixo coloco uma imagem que ajuda a ilustrar as diferentes fases inconclusas dos dois projetos aqui citados.

Figura 14 - A esquerda o prédio que seria o Hotel Praia Formosa Holiday Inn , no meio parte do Morro do Pinto e a direita o esqueleto do Porto Vida Residencial, ambas as obras estagnadas em períodos diferentes e em fases de construção distintas.



Acervo pessoal. Retirada em 02 de dezembro de 2017.

Sendo assim proponho trazer de volta Michel de Certeau e como ele diria, fazer uma travessia através dos meus relatos de campo perpassando esse mapa de “demarcações 2D” me apropriando do que fora dito por meu entrevistado. Aproximando vocês leitores das experiências até mesmo sensoriais que me guiaram por meus trajetos no desenvolvimento desse estudo urbano que me coloca como pesquisadora-moradora.



### 3 PERCEPÇÕES ENTRE AS RUÍNAS DO INCOMPLETO

Neste capítulo encarno meu papel de antropóloga/moradora para transpor as fronteiras e fundar o que concebo como Praia Formosa através de meus relatos, trata-se aqui de narrar minhas vivências nos trajetos circundantes dos espaços já tecnicamente delimitados um pouco mais acima nesta dissertação. A ideia agora é transpor os mapas através da experiência proporcionada pelo contato muito próximo dos canteiros de obras compilada nos meus relatos a seguir.

Até agora já fora comentado sobre as dinâmicas do urbano que constituem e se confundem com a própria história da cidade. As estratégias de gestão dos espaços urbanos que perpassam os relatos e narrativas como forma de justificar e promover transformações urbanas criando fronteiras e fundando novos espaços e usos. Este trabalho tem a região da Praia Formosa como um exemplo que explica e permite uma reflexão sobre as transformações ocorridas na cidade do Rio desde o século XIX chegando aos dias atuais em que a região se apresenta mais uma vez ressignificada. É sobre essa última ressignificação que me debruço com mais afinco aqui.

Como já fora dito na introdução desta dissertação, sou a quarta geração da minha família a presenciar as transformações na região. Percebo o resgate do conceito Praia Formosa que aparecia nas histórias contadas por minhas avós, porém com uma roupagem diferente readequada pelo tempo e projetada sob outros ideais de modernidade e desenvolvimento, ponto de toque, entre todas as transformações projetadas para a região nos diferentes tempos.

É sobre as transformações e impressões coletadas no cotidiano, como observadora flutuante que me dedico agora, trazendo também um trabalho com re-fotografia (GALANO; 2000). Como apresenta a autora Ana Maria Galano trata-se de um método de pesquisa que se utiliza de registros fotográficos para acompanhar as mudanças na paisagem de determinado local. O que trago aqui pode ser considerado uma aproximação do que a autora relata sobre o observatório fotográfico de paisagens na França, acompanhando as transformações nos meios rurais sob a variável tempo enfatizando seus resultados. A ideia da *re-fotografia*, que adapto aqui ao meu campo, era, segundo a autora, fotografar determinada paisagem em intervalos regulares de um ano a partir de uma imagem. Como uma forma de traçar um comparativo dessa imagem inicial e dessa forma acompanhar as possíveis transformações paisagísticas, considerando sempre seus impactos.

Abaixo apresento um compilado desse trabalho com as re-fotografias do grande canteiro de obras da Praia Formosa através dos anos. Acredito que as fotos são capazes de agregar ao trabalho mesmo que de maneira incompleta, um pouco do que fora vivenciado e percebido por mim no decorrer do desenvolvimento do trabalho. Tais fotos funcionam como mais uma



ferramenta de linguagem capaz de aproximar o leitor do pesquisador, conferindo certa materialidade ao texto desenvolvido aqui.

Figura 15 - Fotos do acompanhamento das obras do Porto Vida residencial na Praia Formosa, A primeira foto foi tirada em 10 de abril de 2013 a segunda é do dia 25 de maio de 2014.



Acervo pessoal.

Figura 16 - A primeira foto marca o auge das obras, percebida através da quantidade de trabalhadores. A outra imagem já foi tirada no início do processo de paralisação das obras, porém ainda não haviam sido retirados os guindastes, enquanto isso no canto direito é possível perceber um guindaste da obra do Hotel em construção.



A primeira foto foi tirada no dia 19 de fevereiro de 2014 e a outra no dia 19 de abril de 2014.

Figura 17 - Nessas imagens é possível perceber a rapidez da obra do hotel Praia Formosa Holiday Inn funcionando dia e noite. A primeira foto é do dia 23 de julho de 2014 enquanto a segunda, do dia 02 de julho do ano seguinte, 2015.



Acervo Pessoal.

Figura 18 - Fotos das obras do hotel de dia sob ângulos distintos, a primeira foto foi tirada no dia 23 de maio de 2015 e a segunda é do dia 18 de agosto de 2015.



Acervo pessoal.

Figura 19 - O interessante dessas imagens é perceber a ambiguidade das duas formas de “ruínas”. Fotos retiradas respectivamente no dia 8 de setembro de 2016 e 23 de abril de 2017.



Acervo pessoal.

Habituada a abrir a janela em dias com poucas nuvens no céu e observar a paisagem que se perdia no horizonte até onde meus olhos conseguiam ir. Era possível ver ao longe até a Igreja da Penha se olhasse para frente. Caso desviasse o olhar um pouco para um lado avistava o Morro da Mangueira, parte de São Cristóvão e o Museu Nacional na Quinta da Boa Vista. Do outro lado, parte do elevador da Perimetral e o prédio do INTO – Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia. Era possível ver também os guindastes que auxiliam no processo de carga e descarga no Porto do Rio e parte da ponte Rio Niterói. Toda essa paisagem sofreu alterações, começando aproximadamente em abril de 2013, com o início das obras do concurso Porto Olímpico, em específico a construção do Porto Vida Residencial e depois, no ano seguinte mais alterações foram percebidas com a construção do Hotel Praia Formosa Holiday Inn. Agora, parte daquela paisagem encontra-se escondida atrás do esqueleto dos prédios da Praia Formosa.

É importante ressaltar como o processo de percepção das transformações que vinham acontecendo é basicamente ligada ao sensorial o que faz com que boa parte do que relato que trago aqui deva ser encarado como **uma** visão possível nesse contexto urbano em transformação.

Falando sobre percepções do campo sensorial, minhas memórias como moradora da região têm muitos aspectos ligados aos cheiros e sons que para as pessoas que não residem no entorno se assustam e estranham. Tais experiências ligadas a esses sentidos ainda são possíveis de serem experienciadas, as transformações não modificaram tanto a acústica e ainda é possível ouvir o som das buzinas de tom grave emitidas pelos navios que atracam no porto, esse som pega de surpresa os visitantes da região que se esquecem da proximidade do porto, agora soma-se ao tom grave dos navios, a sineta do novo transporte: o VLT.

No quesito cheiros destaco dois também ainda presentes, mas ambos difíceis de explicar em palavras, mas tentarei. Dependendo de aspectos climáticos que minha escassez de estudo na área me impede de saber precisá-los, é possível sentir geralmente no início da manhã ou no final da tarde, um cheiro muito característico vindo da baía, um cheiro que talvez eu possa ser descrito pela mistura do cheiro de maresia e o cheiro de mangue. Trata-se de uma percepção que desloca a sensação de um ambiente urbano atual do bairro e talvez evoque seus usos primeiros antes do aterramento da Praia Formosa e arredores.

Às vezes também é possível sentir o que eu chamaria de cheiro limpo, não é algo que remete à utilização de produtos de limpeza, mas ainda assim dá a sensação de limpo. Esse cheiro em especial deixa rastros também, ambos “escapam” pelos inúmeros exatores prateados que vivem a girar no teto do imóvel de uma grande lavanderia encarregada da limpeza de roupas hospitalares instalada na rua Pedro Alves, coloco mais abaixo a foto do lugar. O rastro ao qual me refiro é construído pelos cotões dos tecidos formados pela lavagem das roupas. Mesmo com telas para impedir a passagem desses pequenos resíduos, eles conseguem chegar às ruas e acabam tingindo-as de verde. Cor característica das roupas utilizadas pelos pacientes internados em hospitais.



Figura 20 - À esquerda uma foto dos resíduos verdes provenientes da lavagem das roupas hospitalares, podemos chama-los também de "habitantes" da Via D1.



Na imagem à direita as pequenas janelas e exaustores prateados por onde os cheiros e resíduos saem. No detalhe um funcionário em uma escada limpando os cotões da tela da janela. Retiradas em 19 de maio 2017, acervo pessoal.

Aproveitando o fato de ter mencionado a Via D1 nas imagens acima, gostaria de falar mais sobre ela enquanto novo trajeto tanto para os pedestres quanto para os motoristas. Acredito que o acompanhamento do seu contexto de criação e posteriormente de seus usos, percebidos por mim através dos trajetos de observação, auxiliam a entender a permeabilidade entre o espaço proposto e fundado pelo discurso dos agentes políticos e dos responsáveis pelo projeto e sua implementação (arquitetos, empreiteiras e seus analistas) e seus usos reais.

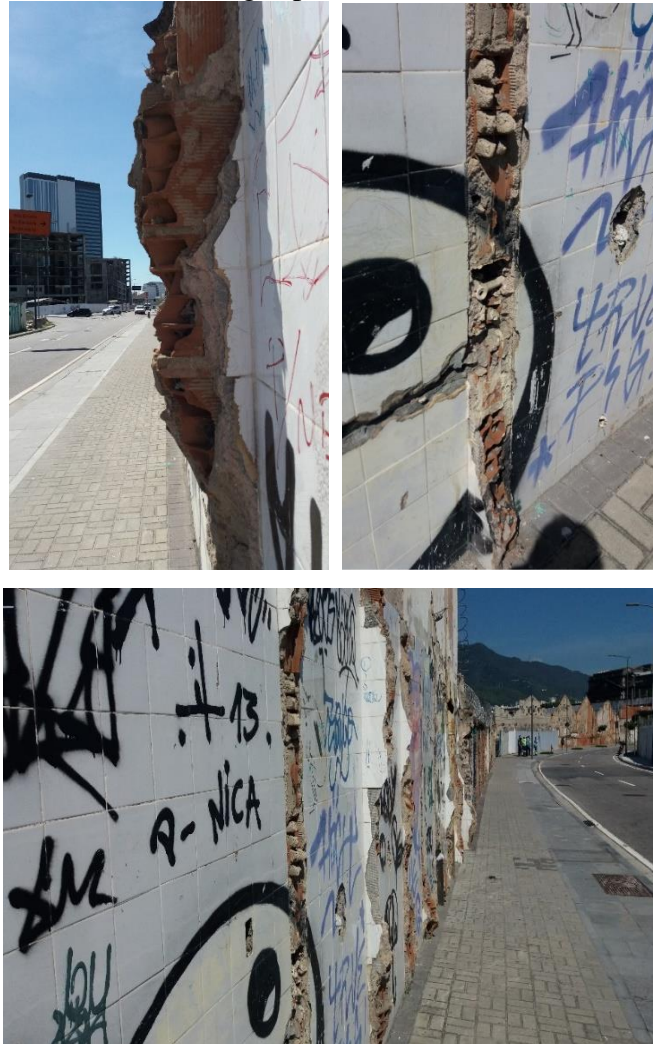
Em dezembro de 2013 foi inaugurada a Via D1, sob o slogan da edição 9 do Jornal Folha da Porto Novo (jornal da concessionária Porto Novo) “Novos caminhos abertos ao tráfego da região portuária, com a inauguração das vias, circulação será beneficiada”. Essa inauguração acontece alguns dias depois da inauguração de um trecho da Via Binário do Porto, ambas construídas para rearranjar o fluxo de carros na região devido às obras e a preparação das pessoas para se adaptarem a novos trajetos e vias com a demolição do elevador da Perimetral, que depois de tentativas de embargo começou a ser demolido em novembro de 2013.

Novas vias foram abertas e com elas possibilidades de caminhos se abriram. No caso da Praia Formosa, a abertura da Via D1 e duas outras ruas que permitem a conexão da rua Pedro Alves com ela, em parte ampliou as possibilidades de trajetos para chegar no realocado terminal de ônibus municipais. O terminal agora localizado na ponta do terreno leste e com a abertura de uma rua em frente à rua Moreira Pinto ficou possível traçar uma quase reta do Morro até o

terminal sem ser necessário, como já mencionei um pouco mais acima, andar toda a rua Pedro Alves.

Essa rua a qual me referi agora era uma pequena rua sem saída por onde os moradores / funcionários da estação ferroviária acessavam suas casas. Com a abertura dessa rua ficaram expostos vestígios dos antigos usos do lugar de maneira peculiar. Andando nesse novo traçado, até chegar às margens do grande canteiro de obras, as marcas do “recém passado” podem ser percebidas nas paredes como mostram as imagens que coloco aqui abaixo. Nessas fotos é possível notar os azulejos que compunham as paredes das casas. Nessas paredes hoje pichadas, é possível notar também as ligações hidráulicas pelos buracos e o caminho dos canos nas paredes, sobressaltos dos tijolos na vertical indicam as divisões entre as casas e as possíveis subdivisões internas destas.

Figuras 21 - Detalhe do encanamento aparente do muro outrora localizado no interior residencial e as divisórias das antigas paredes.



Fotos retiradas em 25 de abril 2017, acervo pessoal.

Para a criação da outra rua para ligar também a rua Pedro Alves a Via D1 foi necessária a demolição de um prédio. Me recordo muito bem do dia da demolição, eu não sabia o que estava acontecendo, mas conseguia ouvir os barulhos vindos da rua de baixo. A janela não me dava ângulo para conseguir ver direito então fui para o quintal e de lá, vendo o que de fato estava acontecendo, fiquei assustada. Como abordado por Alberto Goyena (2015), tendo demolição como conceito, eu estava presenciando o desfazer arquitetônico. Como uma construção ao contrário, uma *desarquitetura* nas palavras do autor. Ele buscou pensar a arquitetura através desse movimento criativo reverso.

No caso desse prédio não foram utilizados explosivos para fazer a demolição, possivelmente para não danificar os prédios ao lado. De acordo com Goyena dependendo da quantidade de explosivos a energia gerada na explosão se compara a descargas de eletricidade como de relâmpagos. Além disso, os conhecimentos sobre esse tipo de *desarquitetura* no Brasil tem caráter artesanal e é passado de pai para filho, o que deixa uma margem para empresas multinacionais o domínio de tal técnica, encarecendo tal método.

Neste caso foi utilizado um tipo de maquinário que parecia “mastigar” aquela estrutura, suas paredes e ferragens. A cena era quase violenta, observar aquela máquina destruir o imóvel. A estrutura parecia muito forte e com isso os trabalhadores da concessionária precisaram contribuir manualmente fixando cabos para a máquina puxar uma parede enorme que relutava em cair.

De fato, uma “ponte” foi criada permitindo uma permeabilidade entre o espaço antigo e o pretenso novo, sendo assim fundam-se possibilidades de deslocamento e é claro, de usos desse espaço. Tais usos e trajetos esbarram com parte da estrutura demolida exposta, seus vergalhões e parte de suas fachadas ainda se fazem presentes. É possível materializar o cenário um pouco através das imagens abaixo, trata-se do mesmo local fotografado sob ângulos diferentes, uma foto foi retirada na Via D1 e a outra na rua Pedro Alves.

Figuras 22 - Fotos tiradas de ângulos diferentes sobre a via aberta da Rua Pedro Alves para a Via D1, no detalhe das fotos as marcas do prédio demolido para a construção da via de acesso, na foto da esquerda parte de sua fachada avermelhada com uma janela e na direita é possível ver os ferros retorcidos que faziam sua sustentação. Fotos retiradas 23 de abril 2017.



Acervo pessoal.

Falo agora um pouco sobre os usos dessas novas ruas, tanto na Via D1 quanto das outras duas pequenas ruas ligando a rua Pedro Alves a ela. Um fato que não mencionei neste trabalho, mas que já analisei em outra oportunidade de pesquisa quando estava levantando dados para o desenvolvimento da minha monografia, é a relação estreita que a região do Santo Cristo, Gamboa e entorno mantêm com o samba. Em especial com o carnaval e a preparação para esta grande festa, pois no próprio entorno da Praia Formosa e no Morro do Pinto é possível encontrar alguns ateliês que prestam serviços e auxiliam na montagem de alegorias e fantasias das escolas de samba. Antes da construção da Cidade do Samba localizada também na região, as escolas de samba ocupavam galpões e antigas construções da região, coloco uma foto abaixo mostrando antes era uma das fábricas de alegorias e adereços da Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos de Vila Isabel que desfila hoje em dia no grupo especial do carnaval do Rio.



Figura 23 - Antigo "barracão" da escola de samba Vila Isabel na rua Equador, zona portuária do Rio de Janeiro.



Foto retirada 23 de abril de 2017, acervo pessoal.

Aponto aqui tal relação da região para dizer que esta transgrediu os usos planejados para a região da Praia Formosa desenvolvidos no concurso fazendo da Via D1 um lugar de ensaios técnicos de escolas de samba. Desde sua inauguração, nos meses que antecedem o carnaval a escola de samba Unidos da Tijuca realiza ali seus ensaios técnicos com a comunidade, ao lado do canteiro de obras do residencial e do hotel. Na ocasião a via é fechada e ressignificada, num período de duas horas (geralmente entre 21:00 e 23:00 horas) ela vira o “sambódromo” por onde a escola ensaia sua apresentação por completo com direito a ensaio da entrada da bateria no recuo tal como é exigido no dia oficial do desfile na Marques de Sapucaí. A simulação de tal recuo fica a cargo de uma das pequenas ruas “nascidas” como acesso para a Via D1, mais especificamente a rua criada através da demolição do imóvel que já descrevi.

Pude acompanhar um desses ensaios e foi uma experiência incrível perceber como os espaços podem ser construídos e reconstruídos em termos de usos e significados em tão pouco tempo, poucas horas antes essas ruas eram apenas lugares de passagem, mas naquele momento do ensaio novas sociabilidades apareciam. Vendedores ambulantes começam a montagem de suas barracas já ao entardecer, se aproveitando do movimento de volta dos trabalhadores para casa nas calçadas vendiam bebidas e espetinhos, coloco abaixo imagens dessa apropriação das ruas. Os moradores do morro e arredores vinham consumir e assistir ao ensaio, encontravam-se com amigos, levavam as crianças com fantasias, toda quinta feira desde o final do mês de dezembro até o carnaval. Mas não era o único, toda quarta-feira a escola do próprio bairro, a



Vizinha Faladeira atualmente desfilando no grupo B, também ensaiava nos mesmos moldes a diferença era que para eles a Via D1 não se tornava a Marques de Sapucaí, mas sim a estrada Intendente Magalhães, onde as escolas do grupo das séries B, C e D e E desfilam no carnaval.

Figura 24 - Imagens de um dos ensaios da escola de samba Unidos da Tijuca. Na foto superior esquerda é possível ver os ambulantes trabalhando na ocasião, ao lado a imagem da escola de samba e seus componentes ocupando a via enquanto os moradores e passantes acompanham. Abaixo a imagem da bateria da escola de samba fazendo da rua transversal da via D1 seu recuo.



Retiradas dia 11 de janeiro de 2018.

Na chave dos usos mais rotineiros que acontecem ao longo do ano todo, destaco as caminhadas em grupos de variados tamanhos. Raramente notei pessoas praticando exercício sozinhas talvez pela sensação de insegurança gerada pelo entorno estar sempre vazio. Na realização dos meus trajetos de observação nos horários da manhã e à noite pude me deparar com pessoas fazendo caminhadas no caminho construído na calçada dos canteiros de obra, nas imagens que colocarei mais à frente nesta dissertação vai ser possível notar esse caminho na cor vermelha (construído em material diferente, possivelmente próprio para caminhadas) que

lembra um ciclovia no meio da calçada contornando o canteiro de obras, com roupas utilizadas na prática de exercícios físicos, geralmente sem bolsa e com nada nas mãos.

Além desses usos supracitados a via D1 recebeu guaritas de diferentes empresas de ônibus e passou a ser durante a semana, ponto final de ônibus intermunicipais como os da Viação Reginas, Transportes Blanco e ônibus da Trel, que costumavam ter seus itinerários com destinos a baixada fluminense. Mesmo com a presença desses ônibus o fluxo de passantes não aumentou expressivamente. Essa rua/via D1 traz consigo essa característica, a escassez de passantes, alguns fatores podem ser considerados motivações para esse fato. Ela é uma rua construída atrás da rua Pedro Alves, em um lugar que como já expliquei anteriormente, funcionava de moradia para algumas famílias, mas que trazia ruínas da antiga estação ferroviária Praia Formosa. Sendo assim, a rua não tem nenhuma casa ou empreendimento que tenha nela a sua frente, trata-se de uma rua de fundos, todas as construções têm suas portas de entrada na rua Pedro Alves. Outro fator que talvez seja outra desmotivação para os moradores a utilizarem como trajeto é a ausência de sombra ao longo de toda a via que não conta com muitas árvores adultas, pois muitas foram cortadas na montagem do canteiro de obras, e as mudas que foram plantadas não parecem ser bem cuidadas e acabam não resistindo ao calor e sol intenso.

Durante o período em que as obras de construção do Porto Vida Residencial e depois do Hotel Praia Formosa a curiosidade ainda motivava a realização do trajeto para descobrir aspectos das obras, mas com a estagnação das obras a região da Praia Formosa, pensada como cartão de visitas do projeto Porto Maravilha se mostra melancólica através dos esqueletos do pretense residencial.

Porém, antes de seguir nessa linha e comentar sobre a estagnação gostaria de dar alguns passos para trás e fazer contribuições a partir de minhas vivências como moradora ligadas a região da Praia Formosa, em especial as percepções desse período de transformações promovidas pelo concurso Porto Olímpico.

Em um exercício de rememoração busquei recuperar experiências e lembranças das mudanças que senti como moradora do bairro Santo Cristo. A primeira delas aconteceu em meados de 2011 com o início das obras na região e o começo da transferência do terminal rodoviário Padre Henrique Otte para o antigo galpão ferroviário reformado poucos metros dali. Tal galpão fazia parte da estrutura da ex-estação de trem de carga Praia Formosa. A mudança ocorreu para possibilitar a construção de uma alça de descida do Viaduto do Gasômetro, que hoje faz a ligação da Avenida Brasil à rua Equador.

Talvez me recorde com tanta precisão por ter alterado bastante uma rotina antiga, a de pegar ônibus. Não foi uma alteração que deslocou o terminal para longe de onde era anteriormente, mas qualquer alteração em uma rotina tão consolidada gera impactos. Esse foi o momento que possivelmente eu me dei conta das transformações que estavam por vir juntamente com os transtornos gerados pelas obras. Em meio a todas as desconstruções urbanas, buracos sendo abertos e fechados, uma poeira fina que era levantada, fazendo com que fosse necessária a passagem duas vezes ao dia, de um caminhão pipa com água de reuso, para tentar diminuir tal poeira, enfim em meio a esse cenário o então prefeito distribuía em jornais e telejornais falas minimizando e justificando os transtornos:

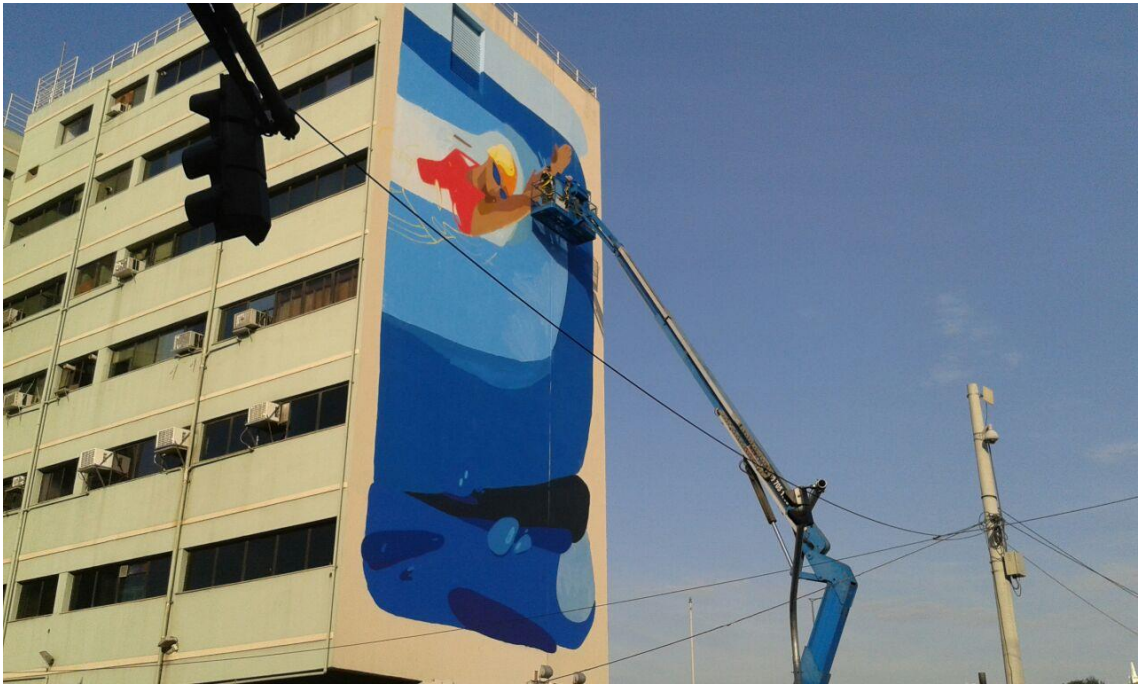
Esse negócio de obra é igual a mulher bonita. Ela fica lá dentro se aprontando, arrumando os cabelos, e você fica esperando, esperando. Quando você a vê pronta, fica em êxtase. É uma catarse. As obras, com o tempo, vão gerar benefícios para a cidade [...] não dá para fazer omelete sem quebrar os ovos, tem muitas melhorias acontecendo. As pessoas precisam ter compreensão. (Fala do então prefeito Eduardo Paes disponível na plataforma do jornal extra do dia 8 de novembro de 2011. <<https://extra.globo.com/noticias/rio/rio-transito/eduardo-paes-compara-transtorno-de-obras-na-cidade-com-marido-que-espera-mulher-se-arrumar-3100231.html>> Acessado em 20 de abril de 2016.)

As opções de locais para pegar um ônibus era no terminal municipal Padre Henrique Otte ou na Francisco Bicalho. Era uma questão de escolha e ponderações pois a opção da Francisco Bicalho implicava na subida da passarela que requeria uma disposição a mais, porém esta opção encurtava a caminhada, sendo assim, em dias de atraso eminente esse era o melhor trajeto. Em dias mais tranquilos a opção do terminal era mais interessante pela certeza de que lá, por ser ponto final, os ônibus estavam vazios e certamente mesmo com filas era possível ter lugar para sentar na condução.

Para chegar ao terminal era preciso caminhar um pouco mais, percorrendo a rua Pedro Alves quase inteira depois a Praça Marechal Hermes. O terminal era dividido em duas plataformas que eram cortadas transversalmente por trilhos de trem que seguiam em direção à Praia Formosa. Uma das plataformas era virada para o prédio do INCA- Instituto Nacional do Câncer e parte da Rodoviária Novo Rio e a outra para a então desativada estação ferroviária Praia Formosa. Sendo assim dependendo do ônibus que se estava esperando era possível observar diferentes paisagens. Me lembro de olhar do outro lado da rua os trens parados e reparar na grama alta, parecia um lugar que escondia alguma coisa, alguma história. Quando criança tive a chance de ver ali, nos trilhos que cortavam o terminal, passar um trem, na época a linha férrea ainda era utilizada no transporte de cargas, eu ainda não sabia da história local, não conseguia dimensionar as transformações urbanas que a região já havia passado e tão pouco sabia dizer pelo que exatamente ela estava prestes a passar.

Toda essa paisagem de certa forma foi modificada, até mesmo a parede do INCA foi obrigada a entrar no espírito olímpico, recebendo uma pintura de uma nadadora, pintada por artistas para compor o cenário e mostrar para os turistas que chegassem pela Rodoviária Novo Rio (do outro lado da rua, de frente para essa parede que recebeu a intervenção) o clima dos jogos. Coloco abaixo uma foto dos artistas trabalhando na pintura.

Figura 24 - Foto dos artistas pintando uma nadadora olímpica na fachada do prédio o INCA em frente a Rodoviária Novo Rio nas proximidades da Praia Formosa. Foto retirada no dia 08 de setembro de 2015.



Acervo pessoal.

Pensando em uma maneira de acompanhar as transformações no terreno da Praia Formosa escolhi um ponto de referência material que, a sua maneira, pode ajudar a explicitar tal progressão. Mais especificamente como transcorreu o desenvolvimento das obras designadas pelo Concurso Porto Olímpico no terreno leste da Praia Formosa. Que deveria em 2016 abrigar a Vila de Mídia e Vila de Árbitros atingindo um mínimo de 10.600 quartos, um Hotel de 500 quartos e o Centro de Convenções, ou seja, instalações olímpicas provisórias. A referência a qual me refiro aqui são os cartazes e painéis afixados às margens dos canteiros de obras o desenvolvimento do que os painéis diziam ser o Porto Vida Residencial e o Hotel Praia Formosa Holiday Inn, ambos sob a responsabilidade de um grupo formado por Odebrecht, OAS e Carioca. Abaixo coloco as imagens dos painéis aos quais me refiro.



Figura 25 - A esquerda foto dos painéis colocados em frente ao canteiro de obras do respectivo hotel na Via D1. A direita a imagem do painel do Porto Vida Residencial também colocado em seu canteiro de obras na rua General Luis Mendes de Moraes.



Respectivamente acervo pessoal retirada em 12 de fevereiro 2016 e foto por um entrevistado retirada em 13 de agosto 2014.

Figura 26 - Fotos do que restou dos painéis promocionais, a esquerda do Hotel Praia Formosa Holiday Inn e a direita do Porto Vida Residencial.



Acervo Pessoal. Imagens retiradas em 02 de dezembro de 2017.

Esses painéis são de certa forma marcadores que auxiliam na compreensão e ao mesmo tempo são capazes de atribuir materialidade ao processo de desenvolvimento das obras no grande canteiro da Praia Formosa, pontuando suas “fases”. É comum os usos desses painéis nos canteiros de obras para informar o que está sendo construído no local, os responsáveis pela obra e também promover o interesse de compra pelos passantes. No canteiro da Praia Formosa não foi diferente, tanto o Hotel quanto o Residencial afixaram seus respectivos painéis.

Nessa altura já não era mais comentado sobre a realização das obras no outro terreno contemplado também pelo concurso, o terreno oeste, localizado do outro lado da Avenida Francisco Bicalho. Por lá, onde é agora uma usina de asfalto desativada seria construído o Centro de Convenções para as Olimpíadas, tal projeto, foi dispensado assim que o resultado do concurso foi divulgado. De acordo com meu interlocutor Vinícius, no momento em que o

arquiteto vai ter sua primeira reunião com os empreiteiros o projeto em si sofre alterações pois são feitas ponderações por parte do contratante quanto à viabilidade do projeto em termo de tempo e custos. Uma conta que deve fechar trazendo sempre um lucro para o investidor é claro.

Mesmo com a desistência de parte do projeto, os projetos na Praia Formosa indicavam seguir normalmente, o terreno foi preparado livrando-se dos antigos usos e cercando/murando a área onde efetivamente seriam instaladas as fundações dos prédios com telhas brancas. Delimitados os terrenos e afixados seus painéis a obra começa. A primeira que começou a sair do papel foi a do residencial. Com a Via D1 e as outras duas pequenas ruas (sem nome até ou indicação em mapas até o fechamento deste trabalho) que lhe davam acesso prontas já era possível andar pelo entorno. O fluxo de trabalhadores era enorme, por vezes presenciei filas de trabalhadores pleiteando uma vaga para trabalhar nas obras, o mercado imobiliário se aquecia nesse “boom olímpico” e os trabalhadores enxergavam possibilidades de empregos.

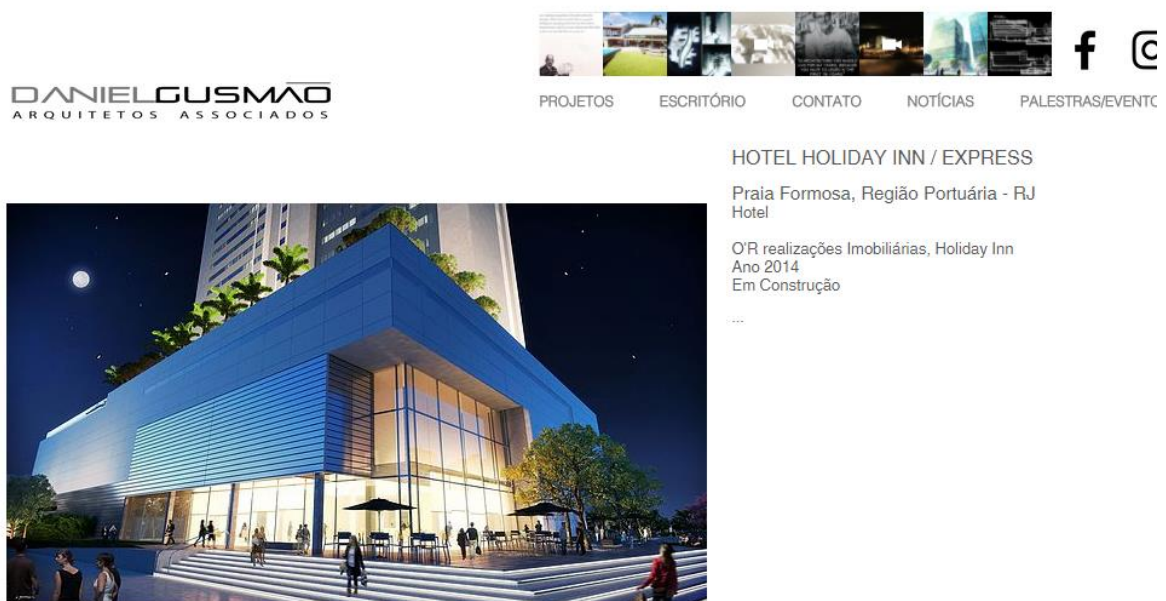
Os transtornos eram inegáveis, mas conviver imersos em obras, buracos, poeira e transitando em ruas que mudavam seu sentido variadas vezes causando engarrafamentos e confusões no trânsito, ao mesmo tempo empolgava alguns moradores do entorno que enxergavam nas notícias de que a Vila dos Árbitros e Centro de Mídia ficariam instalados ali uma possibilidade de melhora da qualidade de serviços como o de fornecimento de internet.

Em uma de minhas caminhadas no entorno da Praia Formosa acabei sendo abordada por um senhor que pedalava pela rua, ao notar que eu observava as obras ele me indagou: “Talvez sobre um pouquinho pra gente né?” Sem saber ao certo sobre o que o senhor estava falando perguntei: “Como assim?” Já com um sorriso um tanto sem graça no rosto. Foi quando ele se explicou: “Como vai ficar o povo da mídia aí durante as olimpíadas pode ser que finalmente a gente consiga ter uma internet direito. Estão comentando que vai ficar bom, tem até cabo de fibra ótica passando aí por baixo!”. Infelizmente a torcida e crença daquele senhor foi frustrada, que junto com tantos outros acreditaram que os transtornos causados no desenvolvimento das obras eram o ônus necessário para se desfrutar de um futuro bônus.

O tempo foi passando e aumentavam as suspeitas quanto a viabilidade da conclusão das obras na Praia Formosa, aos poucos era possível perceber um tipo de rearranjo de mão de obra. O canteiro de obras parecia menos movimentado do que no início das obras ao mesmo tempo a proximidade da data dos jogos parecia justificar a necessidade de concluir parte das obras onde haveria mais circulação de pessoas e eventos como o caso da praça Mauá que seria palco de inúmeros eventos alternativos para entreter os turistas que vieram a cidade, mas não necessariamente foram aos jogos. Falarei mais um pouco sobre isso mais a frente.

O fato era que as obras na região da Praia Formosa foram paralisadas, porém em momentos diferentes. A construção do hotel que já havia começado depois do início das obras do residencial, chegou a avançar bem e por mais tempo, esteticamente ele parecia estar quase pronto, faltando detalhes de acabamento como a falta de duas janelas nos andares mais altos do prédio. Já o projeto residencial parou em sua fase estrutural, até hoje apenas com os blocos de cimento sobrepostos com vigas expostas (enferrujadas já pelo tempo em que estão descobertas) compõem a paisagem da região. Parecem estar prontas algumas paredes dos andares dos três blocos do “complexo residencial fantasma”, uma realidade distante das imagens promocionais divulgadas. Abaixo coloco uma imagem promocional retirada do site do arquiteto Daniel Gusmão responsável pelo projeto da fachada do hotel Praia Formosa Holiday Inn.

Figura 27 - Imagem retirada do site do arquiteto Daniel Gusmão no qual aparece o projeto do hotel Praia Formosa, no detalhe a informação de que o prédio se encontra em construção.



Acesso em 04 de abril de 2017.

Mesmo não tendo uma grande visibilidade na mídia o Hotel Praia Formosa Holiday Inn, me arrisco a dizer que teve sua obra mais desenvolvida, seu esqueleto se sobressaiu primeiro do que o esqueleto do Residencial, mesmo tendo iniciado suas obras um período depois. Eram muitas máquinas e guindastes altíssimos a trabalhar nessas duas obras, o prédio do hotel chegou a ultrapassar a altura do Morro do Pinto, mesmo com somente duas ruas de separação.

O revés começa a aparecer no início de 2014 quando o então Prefeito da cidade do Rio leva a público sua intenção de transferir a Vila de Árbitros e Centro de Mídia para a Barra da

Tijuca com a justificativa de contenção de custos<sup>16</sup>. Tal notícia começou a fomentar a dúvida quanto à conclusão da obra residencial e questionaram a necessidade da construção do hotel.

Foi quando em 2015 o maquinário começou a ter seu número reduzido junto com o número de trabalhadores, já não era possível ver os operários exercendo suas funções no que fora erguido do prédio. No mês de agosto desse mesmo ano os últimos guindastes foram retirados do canteiro de obras do Porto Vida Residencial, restando apenas a obra vizinha, o hotel, em andamento. Coloquei abaixo uma foto que retirei do quintal da minha casa no Morro do Pinto, mostrando a retirada dos guindastes em agosto do ano de 2015.

Figura 28 - Imagem dos guindastes da obra do Porto Vida Residencial.



Foto retirada no dia 18 de agosto de 2015, acervo pessoal.

Não se sabia ao certo o que ia acontecer e a ideia de parar definitivamente tal obra não parecia real. Os painéis foram se desgastando e com o tempo rasgaram e caíram (como já mostrei com imagens acima) sem que outros fossem postos no lugar. Aos poucos o movimento de pessoas, outrora intenso foi diminuindo, restando apenas os vigias da obra que ficavam em suas cabines ou andando entre o esqueleto do prédio já parcialmente de pé.

O desgaste pelo tempo fez com que novos usos e apropriações fossem estabelecidos nos canteiros de obra, um exemplo disso pode ser percebido ao observar as telhas que “muravam” os canteiros. No começo da preparação do terreno elas foram os primeiros habitantes a chegar, elas preservam o que acontecia no interior dos canteiros dos olhos dos passantes. Com o avançar

<sup>16</sup> Informação coletada do site <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/03/prefeitura-quer-tirar-vila-de-midias-e-arbitros-da-zona-portuaria-do-rio.html>> Acesso em: 22 de maio de 2016.



do tempo e a estagnação das obras essas telhas tornaram-se possibilidades, me explico melhor, na região não é raro ver pessoas fazendo fogueiras para queimar fios para vender o cobre de seu interior para ferros-velhos, tingindo o céu com uma fumaça muito densa e escura. Não é legal, mas acredito que seja um meio de sustento dessas pessoas, nesse contexto as telhas se mostram como possibilidades nesse mercado.

Me recorde de presenciar duas situações diferentes envolvendo tais telhas: após uma forte ventania algumas delas voaram para o outro lado da rua e alguns moradores do morro desceram para pega-las e as levaram para suas casas possivelmente para usá-las como telhado, na outra situação passei pela rua e reparei que as arruelas que seguravam os parafusos entre a telha e a madeira onde elas estavam afixadas sumiram e no dia seguinte algumas telhas estavam faltando.

Figura 29 - Trabalhadores a serviço da Concessionária Porto Novo recolocando as telhas que muram o canteiro de obras do Porto Vida Residencial.



Imagem retirada da Via D1 no dia 02 de agosto de 2016. Acervo Pessoal.

Mesmo com a presença de seguranças nos canteiros tais situações continuaram a acontecer, não sempre, mas seguramente por mais de uma vez. Porém o fato de que com a estagnação das obras tais apropriações foram facilitadas em certa medida, não indicavam um abandono por completo, toda vez que os “muros” dos canteiros sofriam com alguma falha em poucos dias era consertado. Tais reparações indicavam que havia ainda algum tipo de cuidado com o local, mesmo em menor escala.

Foi através do desgaste que acabou gerando falhas e buracos nessas telhas que consegui transpor rapidamente aquele “muro” e olhar dentro do canteiro de obras do Residencial Porto Vida até então inacessível, foi muito breve pois as circunstâncias exigiram que fosse assim. Só

o fato de ter interrompido minha caminhada, olhar pra o pequeno buraco na telha e me aproximar já fizeram com que o segurança saísse de sua guarita. Enquanto eu tirava a foto podia sentir que ele estava me observando, foi quando ele abriu o portão por onde costumavam entrar os funcionários e caminhões com material para a obra. Foi quando continuei meu trajeto para assim evitar um transtorno, já que aquela não seria minha última vez naquela localidade.

Divido o registro dessa oportunidade abaixo, tentei reproduzir o efeito que tive com os olhos ao me aproximar do “muro” e finalmente romper aquela fronteira mesmo que apenas com o olhar. Na imagem é possível perceber o abandono e os efeitos do tempo na estrutura que resiste ali como marca daquilo que ainda não foi. No detalhe é possível perceber objetos e materiais de obra boiando numa enorme poça de água possivelmente formada pela chuva.

Figura 30 - Imagem do interior do canteiro de obras do Porto Vida Residencial através de uma pequena abertura na telha que serve de muro no canteiro de obras.



Foto retirada dia 01 de dezembro de 2016. Acervo Pessoal.

Parecia um “contágio” mas no ano seguinte, já em 2016, ano dos jogos a obra do Hotel Praia Formosa também foi perdendo a força, resistiu mais tempo mas ainda assim não chegou à conclusão. As placas e letreiros que apontavam a construtora responsável pela obra e o nome

do hotel também “sumiram” o emblema da Odebrecht já não era mais tão bem visto no ápice das investigações da operação lava-jato. A certeza de que esses prédios não ficariam prontos no tempo dos jogos se confirmou e a única possibilidade de conclusão de projeto no entorno da Praia Formosa ficou a cargo da implementação do novo meio de transporte carioca, o VLT, que mesmo a passos mais lentos, continuava a progredir.

Abro um parêntese para falar do VLT, um dos “xodós” do então prefeito Eduardo Paes, o “bonde moderno” que tinha em seu traçado uma parada na Praia Formosa, ao lado do Porto Vida Residencial e Hotel Praia Formosa Holiday Inn. As obras de implementação do VLT iniciaram em novembro de 2014 e assim como todas as obras causaram tumulto e dividiram opiniões.

Figura 31 - As duas fotos foram tiradas onde estava prevista a parada Praia Formosa do VLT.



A primeira foto, cedida por um entrevistado foi tirada no dia 13 de setembro de 2014 e a segunda, acervo pessoal no dia 05 de junho de 2016.

Como todo entorno da região, em 2015 o ritmo das obras também desacelerou, mas como se tratava de uma obra com uma extensão bem grande, acabou impactando diferentemente de acordo com a região. Na Avenida Rio Branco os comerciantes se irritavam com o excesso de transtornos por uma obra que andava cada vez a passos mais lentos<sup>17</sup>. Com a proximidade da realização dos Jogos Olímpicos, como já disse anteriormente, era notória a concentração de investimentos de todos os tipos para que ficassem prontas ao menos parte das obras prometidas em lugares com maior circulação de pessoas/ turistas. O VLT é um bom exemplo dessa estratégia turística. Das estações previstas, ficaram prontas para o período olímpico aquelas que ligavam a rodoviária Novo Rio ao Aeroporto Santos Dumont. Nesse traçado estava incluso também as passagens pelas estações do Boulevard Olímpico, passando pela praça Mauá

<sup>17</sup> Informação retirada do endereço <[www.jb.com.br/rio/noticias/2015/05/15/obras-do-vlt-carioca-causam-transito-e-prejuizos-ao-comerciantes-da-av-rio-branco/](http://www.jb.com.br/rio/noticias/2015/05/15/obras-do-vlt-carioca-causam-transito-e-prejuizos-ao-comerciantes-da-av-rio-branco/)> Acesso em: 14 julho de 2015.

“revitalizada” com seus museus e ainda parava em estações de metrô localizadas ao longo da avenida Rio Branco.

Enfim, na chave dessa estratégia ficava claro que no mesmo ritmo em que as obras eram aceleradas nas regiões supracitadas, na região da Praia Formosa elas estavam desacelerando na mesma frequência, o que instaurou mais dúvidas aos moradores e usuários dos meios de transportes públicos que já haviam vislumbrado a ideia de integração com os ônibus do terminal municipal Padre Henrique Otte. Cada vez mais a Praia Formosa ia sendo posta em segundo plano. Novos limites foram postos para a locomoção no período Olímpico, o ponto final que seria a parada Praia Formosa passa a ser a Rodoviária, localizada ao lado da Rodoviária Novo Rio. Nada mais era comentado sobre o resto do projeto.

O local onde seria a estação, ao lado dos canteiros de obras passa a ser uma espécie de garagem para os “bondes modernos”, o que deixava as pessoas muito confusas ao tentarem embarcar nesse local e serem comunicadas que deveriam seguir os trilhos no chão até a próxima estação, pois somente lá era possível realizar o embarque. Era um cenário confuso e inacabado, as pessoas não entendiam o porquê de não poder embarcar ali mesmo, qual o sentido de andar até a próxima estação se ali estavam os VLTs? É possível conjecturar, mas como o desenrolar das obras e problemáticas surgidas no percurso parece não haver uma causa única ou se ela existe está encoberta por muitas possibilidades. Seria para encobrir as recém construídas ruínas dos projetos inconclusos? Poderia ser também uma “queda de braço” com as empresas de ônibus que realizavam trajetos similares a esse novo meio de transporte? Como disse são conjecturas que auxiliam na reflexão mesmo sem resposta definida.

Ao contrário do que aparecia nos discursos políticos e nos jornais, a paisagem não demonstrava e nem demonstra modernidade, mas sim abandono. No caso do canteiro de obras da Praia Formosa que acompanhei, o termo abandono sozinho não dá conta do que acontece na região, os reparos e a presença de seguranças dentro do canteiro não evoca uma situação de total abandono. Talvez possamos chamar de “abandono vigiado”.

Com o passar dos eventos as justificativas dos projetos que estavam sendo implementados na região parecem se perder, não se fazia mais necessário utilizar-se da chave de “revitalização” para positivar os transtornos e as obras desenvolvidas na região. Deixar de lado a categoria recém retomada da Praia Formosa e junto com elas as obras que eram desenvolvidas na região parecia um caminho mais fácil e que atendia bem a todos os envolvidos, tanto à prefeitura quanto às empreiteiras. Como mencionou meu interlocutor Vinícius, com as investigações da polícia federal quem se demonstrava falante proferindo discursos carregados de positividade (Eduardo Paes) se calou, e quem já não era muito de falar sumiu (as construtoras).

O fato é que por hora o terreno delimitado no concurso Porto Olímpico como terreno leste/Praia Formosa não ultrapassou o status de canteiro de obras. Além disso, o bairro onde ele se encontra, Santo Cristo, também colhe os frutos desse processo de transformação urbana inacabada. Em meio aos percalços das obras no entorno o único supermercado do bairro fechou junto com outros estabelecimentos comerciais, e que hoje convivem com as ruínas e incertezas trazidas pelos diferentes projetos urbanísticos.

Aqui a ruína arquitetônica se estabelece como marco de um ideal de modernidade incompleto, são marcas de um futuro que não se concretizou, ou ao menos ainda não o fez, o canteiro de obras que virou a Praia Formosa hoje remete a uma paisagem melancólica pelo aspecto do abandono, mesmo que este abandono não seja completo. O conceito de *Ruína Modernista* apresentado por Beatriz Jaguaribe (1997) agrega a esse debate.

A autora vê a ruína de projetos como estes projetados para ocuparem a Praia Formosa, como sendo em si um *monumento-ruína modernista* não necessariamente uma ruína ligada à estrutura física abandonada, como no caso aqui abordado, mas sim no sentido de ser um projeto que se baseia em uma promoção simbólica estatal, na tentativa de corresponder a padrões internacionais pré-estabelecidos sem ponderar nossas especificidades culturais e históricas. Aqui, a Praia Formosa une tanto essa crítica quanto a realização dos projetos pautados em uma modernidade que busca fundar a cidade como Cidade Global, mas também traz consigo a marca de uma ruína física que transpõe a crítica e se efetiva na paisagem com prédios inacabados.

As ruínas que deixavam traços do passado no presente foram destruídas, como já fora mencionado aqui, as transformações ocorridas na região portuária deram conta de aterrar inicialmente a praia e para fazer canteiro de obras do hotel e do residencial demoliram a antiga estação ferroviária que também levava o nome Praia Formosa. Eram traços do passado pretensamente suplantados em nome da modernidade, cada qual representativa de sua época.

É um movimento um tanto que comum no âmbito das transformações urbanas, a estética é como uma marca que em si carrega simbolismos próprios. Sendo assim, não deixa de ser uma forma de comunicação, se pensarmos em termos macro como a cidade por exemplo. Nesse âmbito as grandes construtoras, o trabalho dos arquitetos e planejadores urbanos em projetos como do concurso Porto Olímpico, em parceria com a prefeitura desenham e fundam espaços na cidade em oportunidades como as do Rio de Janeiro nos últimos anos.

Trata-se de um trabalho muito valorizado, os primeiros lugares do concurso abordado aqui, de acordo com o tópico 12.2 presente no edital, dividiram prêmio de R\$ 160.000,00. Ao primeiro lugar a quantia de R\$ 80.000,00, para o segundo R\$ 35.000,00, o terceiro R\$ 25.000,00 e o quarto lugar com R\$ 20.000,00. Já mencionei em uma nota no início dessa dissertação outro valor que deve entrar nesta conta, mas creio que aqui seja um momento oportuno para retoma-



los. De acordo com uma reportagem publicada pela CEDURP no site Porto Maravilha <sup>18</sup> a integralização dos terrenos da Praia Formosa com 116.125 m<sup>2</sup>, Usina de Asfalto 14. 603 m<sup>2</sup> - os dois terrenos que compõem a área do Porto Olímpico - e o Pátio da Marítima com seus 23.809 m<sup>2</sup> foram responsáveis por garantir um repasse de 1 bilhão de reais a Operação Urbana do Porto o que equivaleria justamente ao custo da segunda parte das obras.

Ainda de acordo com a reportagem foram investidos no primeiro ano intervenções na região cerca de R\$ 840 milhões. São valores que subdivididos entre as palavras: custos, investimentos, prêmios, representam o montante de dinheiro envolvido para a construção dos empreendimentos, sobretudo na região da Praia Formosa. São números que devem ser levados em conta na análise e reflexão proposta aqui sobre tal região, esses investimentos parecem implausíveis se levarmos em conta o que representam os canteiros de obras fantasma que atualmente demarca a região da Praia Formosa através de suas ruínas, o que outrora não era.

Como já fora dito nessa dissertação tais agentes tem esse poder sobre a cidade aumentando-os ao estabelecer parcerias público-privadas e entre as diferentes escalas de poder, como foi também o caso do Rio. Porém, retomando Certeau (1994), todos esses *teatros de ação* não têm total controle sobre os usos que serão feitos de tais espaços, os cidadãos têm o poder de através de suas vivências e *relatos* sobre e nesses espaços fundados, recriar e transpor suas *fronteiras*. Coloco abaixo uma foto que acredito ser mais um tipo de apropriação dessas *fronteiras*, um grafite com as iniciais do Morro do Pinto no canteiro de obras do residencial.

Figura 32 - Foto do canteiro de obra do Porto Vida Residencial, no detalhe central da foto a inscrição I ♥ MP (Morro do Pinto) e mais à esquerda funcionários da concessionária Porto Novo recolocando as telhas que servem de muro no canteiro de obras.



Acervo pessoal 02 de agosto de 2016.

<sup>18</sup> O link do site em que se encontra a reportagem mencionada está referenciado na nota de número 4 e no final deste trabalho junto às outras referências da internet.

É dessa forma que a cidade se transforma, foi dessa maneira que propus pensar as dinâmicas urbanas. Não pela unilateralidade, mas sim pela ideia de fluxo que põe em contato as diferentes pessoas que constituem a cidade. Acreditando, tal como Pétonnet (2008) esclarece, que o que caracteriza o fenômeno urbano em si é esse encontro em diferentes escalas entre as pessoas. Assim é possível conceber como um lugar e categoria que para minha bisavó era uma praia, para minha avó uma estação ferroviária, pode vir a ser para mim uma categoria resgatada, por projetos e agentes envolvidos no concurso Porto Olímpico, para marcar ruínas do incompleto.

## CONCLUSÃO

Nesta dissertação, pensar em ruína é tão inevitável quanto delicado. Digo delicado pelo próprio debate que o conceito retoma que no caso das obras na Praia Formosa indicam algumas diferenças. O que chamo de ruína aqui destoa um pouco da ruína de Georg Simmel (1958) por exemplo, como “uma vingança da natureza pela violação de seu espírito”, mas tem traços de melancolia tal como ele considera. Não tem traços do desconstruído e/ou destruído, mas sim do incompleto.

Não tive a pretensão de apontar uma verdade sobre o processo de transformação urbana pelo qual vem passando a região da Praia Formosa, mas sim trazer a ideia de que as dinâmicas urbanas são constituídas por diversos fatores, através de diferentes atores/agentes. Acredito que os traços históricos das transformações desta região tenham auxiliado na compreensão das diferentes amplitudes de tais transformações e que a apresentação do panorama atual, das novas transformações propostas pelo concurso Porto Olímpico tenha demonstrado algumas das estratégias de ação e gestão do urbano.

Contudo foi uma tarefa complicada focalizar uma região que canalizava em si tantos aspectos urbanos próprios de sua história. Ao mesmo tempo, estava inserido em um projeto que ia além do concurso e era englobado pelo grande projeto Porto Maravilha, com complexidade característica dos fenômenos sociais e urbanos advinda de seus diferentes agentes e da relação entre estes.

A escolha por dar ênfase aos relatos e suas possibilidades de fundar fronteiras e transpô-las, está ligada a maneira que eu como pesquisadora, acredito ser muito interessante, pois permite a compreensão de aspectos urbanos macro através da análise das estratégias micro. Percebendo desta forma que há permeabilidade e fluidez nas dinâmicas urbanas e que estas estão o tempo todo em processo de mudança em diferentes escalas, variando seus atores.

No caso da Praia Formosa houve uma tentativa inicial de resgatar tal categoria que em si é positivada, tanto pela ideia de praia quanto pelo adjetivo formosa, porém no desenvolvimento do projeto e do concurso fatores políticos e ligados ao tempo para a realização das obras pareceram abrir uma oportunidade de pôr em prática outro projeto antigo de valorização e urbanização de uma parte da Barra da Tijuca. Foi assim que o então prefeito o fez, e com o aval do comitê olímpico internacional migrou o projeto de vila de árbitros e mídia junto com o centro de convenções para a zona oeste. As investigações da polícia federal também podem ser consideradas outra importante colaboração para a chegada a este estado de ruína.



Como iniciei aqui dizendo, meu interesse não foi responder assertivamente a essas questões e nem apontar definitivamente as causas da estagnação das obras. O que pretendi foi, através das questões, entrevistas e da minha observação perceber as tramas que perpassavam tais acontecimentos percebendo conjuntamente seus impactos no campo. Percebendo como os discursos: remontando a região como degradada e carente aos olhos da prefeitura e após isso a construção de relatos marcando a necessidade imediata de intervenções urbanas como forma de resgate da história local. Iniciadas as obras se fizeram necessárias justificativas para tentar contornar os transtornos que provenientes delas como os engarrafamentos, buracos e alterações no trânsito. Com a desaceleração e transferências das obras chega o silêncio e o discurso da “revitalização” perde força.

Os espaços na cidade estão em uma espécie de competição constante, é um traço do fenômeno urbano. Tal competição pode inclusive ultrapassar os limites nacionais, tal como o caso do Rio de Janeiro, não me refiro aqui às competições que a cidade participou para sediar grandes eventos, estas são para mim apenas oportunidades como disse ao longo da dissertação. Oportunidade de “competir” em status e importância econômica através do turismo com cidades de outros países, falo da competição para se materializar enquanto Cidade Global.

Para o desenvolvimento desse modelo de cidade, não só o Rio de Janeiro tem apostado no modelo pautado na ideia de modernidade, a estética moderna. Um autor que guardei para este momento e que pode contribuir nesse debate é Adrián Gorelik (2005). Escrevendo sobre Brasília ele aborda como essa “modernidade” começa a se tornar um valor político e dessa maneira o Estado começa a flertar com a arquitetura como uma forma de produzir uma estética que lhes atribuam prestígio. Trata-se, segundo ele, de uma apropriação distorcida baseada na figuração modernista internacional. O modernismo nesse contexto serve como símbolo do poder estatal simbolizando sua capacidade de produzir ordem através de seu *poder modernizador* (2005, p.161). Brasília é pensada e construída visando tal modelo, ela surge como um modelo/monumento da modernidade, trata-se da “fundação” da arquitetura moderna brasileira.

Gorelik, tal como Jaguaribe (1997), destaca o projeto do Ministério da Educação no Rio de Janeiro comandado por Lucio Costa como um dispositivo simbólico que deu forças a esse movimento da arquitetura e do Estado no Brasil. Como já abordei no desenvolvimento da dissertação, Beatriz Jaguaribe chama de Ruína Modernista tais obras pautadas nesse modelo modernista. De acordo com ela trata-se de uma espécie de fetichismo (palavras minhas) do novo, ela chama de *caduquice do novo*. A autora parece de certa forma corroborar com a crítica do tipo de arquitetura implementada em Brasília, chamando-a de “O sonho da modernidade

límpida e igualitária de Brasília implementado por Juscelino” (1997, p.105). talvez ela enxergasse em Brasília algo que de fato tenha misturado toques da diversidade brasileira naquela arquitetura.

Ambos autores nos ajudam a pensar como está arraigada a modernidade como padrão estético presente até nos dias de hoje através de uma releitura que, baseada na experiência dos últimos anos e observando a construção de grandes arranha céus, é baseada numa arquitetura que busca corresponder ao status desejado através de espelhos. Prédios enormes, com uma vastidão no número de andares com suas fachadas todas espelhadas.

Quanto ao resgate da categoria Praia Formosa não pareceu funcionar como local de moradia, mas ela acaba de iniciar um processo de visibilidade, dessa vez através de outro instrumento, o VLT. Hoje a categoria começa a gerar dúvidas entre os usuários do VLT, em dezembro de 2017, foi finalmente inaugurada a parada Praia Formosa – prevista desde o projeto inicial - e já pude presenciar na parada Santos Dumont pessoas perguntando aos funcionários do VLT sobre onde estava localizada esta praia que nunca havia ouvido falar. Ao ouvir a resposta a pessoa se mostrou perplexa e reclamou do que considerou ser um tipo de “propaganda enganosa”.

Enfim, encerro esta dissertação com a mesma empolgação que a iniciei, agora com outras questões em mente, novas possibilidades de estudo. Ao longo do processo de desenvolvimento da pesquisa desconstruí pensamentos que tinha anteriormente e me permiti outras reflexões. Pude perceber que os usos e apropriações nos / dos espaços independem da conclusão dos projetos, em seu estado de ruína isso já se concretiza de maneiras inúmeras como no caso dos ensaios de escolas de samba e como lugar de prática de exercícios.

No período de observação consegui presenciar a teoria acontecendo “aos meus olhos”, o espaço sendo transformado pelas pessoas, atores do urbano que não tinham cargos na prefeitura e tão pouco eram os arquitetos que planejaram as obras para aquela região, estavam rompendo as fronteiras que determinavam os usos daquele lugar e fizeram dele algo próprio, se apropriaram daquele lugar.

Tais experiências que tive em campo pareciam concretizar o *lugar* de Marc Augé (2005). Nos momentos em que aquele espaço era utilizado para ensaios, local de venda para os trabalhadores ambulantes ou para a prática de exercícios físicos (dentre outras possibilidades) ele deixa de ser um lugar marcado pela ordem e estabilidade geométrica e se torna o *lugar* simbolizado e antropológico. Ou então o *espaço* de Michel de Certeau, enquanto movimentação, o lugar praticado. Como ele mesmo detalha, o *espaço* seria como a palavra quando é falada, sendo a fala o lugar onde a palavra ganha significado e efetivação.

Minha intenção foi colaborar de alguma forma para o desenvolvimento de futuros debates ou até mesmo quem sabe esclarecer algum aspecto sobre a região da Praia Formosa até então pouco comentada em trabalhos acadêmicos. Tentei me aproveitar do meu papel duplo de ser pesquisadora antropóloga, mas ao mesmo tempo também morar nas imediações da Praia Formosa. Acredito que dessa maneira posso ter contribuído de forma diferencial sobre alguns aspectos urbanos da região e do campo por estar em contato direto com estes, desde antes do período de desenvolvimento desta pesquisa. A maneira que encontrei de unir essa “dupla jornada” foi através das fotografias e imagens.

## REFERÊNCIAS

- Arquiteto revela detalhes do projeto do Porto Olímpico*. Rio Cidade Olimpica.You Tube. 2011, 1:45 min, son, color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=isauZzpBEY8>> Acesso em: 03 dez. 2017.
- AUGÉ, Marc. *Dos lugares aos não lugares*. In: *Não-lugares*. Uma introdução uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus, 2005, p. 71-105.
- BASTOS, Isabela. *Porto terá o maior prédio residencial do Rio*. 2012. <<https://oglobo.globo.com/rio/porto-tera-maior-predio-residencial-do-rio-5110899#ixzz50Py6OLOf>> Acesso em: 13 abril. 2016.
- BRAYNER, Leonel; CASTRO, Ruy; SEIXAS, Heloisa. *Rio, pena e pincel*. Rio de Janeiro: Editora Casa da Palavra, 2011.
- CARNEIRO, Sandra de Sá. Rio, zona norte e zona sul: fronteiras para além dos estigmas. In: Carneiro, Sandra de Sá; Sant'anna, M.J.. (Org.). *Cidade: Olhares e Trajetórias*. 1ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2009, v. , p. 193-218.
- CEPAC: *que negócio é esse?* <[http://portomaravilha.com.br/cepac\\_entenda](http://portomaravilha.com.br/cepac_entenda)> Acesso em: 20 nov. 2016.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: vol. 1 Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- Comercial Porto Maravilha AQWA Corporate*  
<<https://www.tishmanspeyer.com.br/comercial/aqwa-corporate>> Acesso em: 20 nov. 2017.
- GALANO, Ana Maria. *Entre nostalgias e sinais de uma nova estética: observatórios fotográficos de paisagens na França*. Cadernos de Antropologia e Imagem, Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000.
- GORELIK, Adrián. *Das vanguardas a Brasília: cultura urbana e arquitetura na América Latina*. UFMG, 2005.
- GOYENA, Alberto. *A demolição em 7 obras: arquitetura, patrimônio e esquecimento*. Rio de Janeiro. 2015. 246 p. Tese (Doutorado em Antropologia) – UFRJ/IFCS/Programa de PósGraduação em Sociologia e Antropologia, Rio de Janeiro, 2015.
- GUIMARÃES, Roberta. S. *O patrimônio cultural na gestão dos espaços do Rio de Janeiro*. Estudos Históricos, v. 29, p. 149-168, 2016.
- Hotel Holiday Inn / Express*. 2017. <<https://www.danielgusmaoarq.com/hotel-holiday-inn>> Acesso em 26 de abril 2017.
- JAGUARIBE, Beatriz. *Ruínas modernistas*. Revista Lugar Comum, Rio de Janeiro, Nepcom, ECO URFJ, n. 1, p. 99-123, 1997.
- KOOLHAS, Rem. *Nova Iorque delirante: um manifesto retroativo para Manhattan*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LYNCH, Kevin; CAMARGO, Jefferson Luiz. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MACHADO, Vinicius C. C. *A Produção Social do Espaço Urbano e da Arquitetura no Contexto dos Megaeventos no Rio de Janeiro: Notas sobre o Concurso “Porto Olímpico” (2010)* <[http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1321745\\_2016\\_completo.pdf](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1321745_2016_completo.pdf)> Acesso em 15 de março de 2017.

MACHADO, Vinicius C.C. *A Produção Social do Espaço Urbano e da Arquitetura no Contexto dos Megaeventos no Rio de Janeiro: Notas sobre o Concurso “Porto Olímpico” (2010)*. Rio de Janeiro, 2016. 174 p. (Dissertação de Mestrado) – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

MAGALHÃES, Luiz Ernesto. *Eduardo Paes compara transtorno de obras na cidade com marido que espera mulher se arrumar*. 2011. <<https://extra.globo.com/noticias/rio/rio-transito/eduardo-paes-compara-transtorno-de-obras-na-cidade-com-marido-que-espera-mulher-se-arrumar-3100231.html>> Acesso em: 20 abril. 2016.

MAGALHÃES, Luiz Ernesto. *Vilas de Árbitro e de Mídia dos Jogos Olímpicos permanecem sem endereço definido*. 2014. <<https://oglobo.globo.com/rio/vilas-de-arbitro-de-midia-dos-jogos-olimpicos-permanecem-sem-endereco-definido-13100812#ixzz50iguSsFa>> Acesso em: 13 abril. 2016.

MAGNANI, José Guilherme. *De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Vol. 17 n° 49, p. 11-29, jun. 2002.

MAGNANI, José Guilherme. *De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana*. Revista Brasileira de Ciências Sociais Blackwell. p.353-362, 2003.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do pacífico ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, v. 2, 1978.

MIRANDA, Stefano. *Obras do VLT Carioca causam trânsito e prejuízos aos comerciantes da Av. Rio Branco*. 2015. <[www.jb.com.br/rio/noticias/2015/05/15/obras-do-vlt-carioca-causam-transito-e-prejuizos-aos-comerciantes-da-av-rio-branco/](http://www.jb.com.br/rio/noticias/2015/05/15/obras-do-vlt-carioca-causam-transito-e-prejuizos-aos-comerciantes-da-av-rio-branco/)> Acesso em: 14 jul. 2015.

O’DONNELL, Julia Galli. *Um Rio Atlântico: culturas urbanas e estilos de vida na invenção de Copacabana*. 2011. p. 299. Tese (Doutorado em Antropologia social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2011.

*Obras estão paradas em condomínio projetado para Olimpíada no Rio*. 2015 <<https://noticias.bol.uol.com.br/fotos/imagens-do-dia/2015/02/11/condominio-modelo-do-porto-maravilha.htm>> Acesso em: 20 maio. 2016.

PÉTONNET, Colette. *A observação flutuante: exemplo de um cemitério parisiense*. Traduzido por Soraya Silveira Simões. Rio de Janeiro: Antropolítica, n. 25, p. 99-111, 2008.

*Prefeitura quer tirar Vila de Mídias e Árbitro da Zona Portuária do Rio*. 2014. <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/03/prefeitura-quer-tirar-vila-de-midias-e-arbitros-da-zona-portuaria-do-rio.html>> Acesso em: 22 maio. 2016

*Projeto Porto Maravilha*. Trecho destacado do site da Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário – ADEMI RJ <[http://www.ademi.org.br/article.php3?id\\_article=33701](http://www.ademi.org.br/article.php3?id_article=33701)> Acesso em: 06 dez. 2017.

RABINOW, Paul. *Ordonnance, Discipline, Regulation: some reflections on urbanism*. In: LOW, Setha; LAWRENCE-ZUÑIGA (eds.). *The anthropology of space and place*. Oxford:

*Residencial Porto Vida Ganha Seus Primeiros Proprietários*. 2013.  
<[portomaravilha.com.br/noticiasdetalhe/4430](http://portomaravilha.com.br/noticiasdetalhe/4430)> Acesso em: 10 dez. 2016.

*RioNow*. <<http://rionow.org/home.html>> Acesso em: 25 jan. 2017.

SASSEN, Saskia. *The global city: Introducing a concept*. *The Brown Journal of World Affairs*. v. 11, n. 2, p. 27-43, 2005.

SCHWEIZER, José Peter; CESÁRIO, Sebastiana. *Revitalização de centros urbanos em áreas portuárias*. Rio de Janeiro, v. 4, 2004.

SIMMEL, Georg. *Two essays: the handle and the ruin*. Columbus: The Ohio State University Press, 1958.

TAULOIS, Norma. *Porto Olímpico do Rio de Janeiro: Concurso nacional de projetos de arquitetura*. Rio de Janeiro: IAB-RJ, 2011.

TAVARES, Karine. *O primeiro residencial do Porto*. 2013.  
<<https://oglobo.globo.com/economia/imoveis/o-primeiro-residencial-do-porto-8573697#ixzz50WRUjKvF>> Acesso em: 13 abril. 2016

*Três terrenos garantem R\$ 1 bilhão ao Porto Maravilha*. 2012.  
<<http://www.portomaravilha.com.br/noticiasdetalhe/4141>> Acesso em: 21 maio 2017.

VAZ, L. *História dos bairros: Saúde, Gamboa, Santo Cristo*. Rio de Janeiro: João Fortes Engenharia/Editora Index, 1987.

*Zona Portuária do Rio é a que mais tem prédios desocupados na cidade*. 2017.  
<<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/zona-portuaria-do-rio-e-a-que-mais-tem-predios-des-ocupados-na-cidade.ghtml>> Acesso em: 22 de dez. 2017.